

O EROTISMO

ALBERONI, Francesco. Milano, Garzanti Editrice, 2006. Resumo e tradução: Ir. Paulo Dullius

A diferença

O erotismo se apresenta sob o signo da diferença. Uma diferença dramática, violenta, exagerada e misteriosa. Esta ideia emerge quando observamos com atenção uma banca de revistas. Num canto um pouco escondido encontramos a pornografia de todos os níveis e variedades, inclusive aquelas lidas somente pelas mulheres. O setor do erotismo feminino se estende também às revistas que contêm a declaração do coração, as histórias amorosas dos ídolos, os serviços sobre a moda, sobre ginástica, a casa, as festas mundanas. O interesse das mulheres pelo creme, os perfumes, as sedas... têm um significado erótico antes que seja social. Francis Galton demonstrou que as mulheres têm uma sensibilidade muito maior do que os homens. Havelock Ellis dizia que as mulheres têm um extraordinário erotismo cutâneo. Beatriz Faust sustenta que os perfumes, a roupa íntima delicada, os soutiens, os tacos altos, constituem, em seu conjunto, um complexo de estímulos de alta carga auto-erótica. Os moralistas, que são homens, sempre se ocuparam das zonas erógenas percebidas pelo olho masculino: o seio, as nádegas. Mas nunca se ocuparam da pele porque nunca se deram conta que é exatamente a pele a zona erógena feminina por excelência. A indústria cosmética, com suas loções, suas massagens, seus perfumes, seus bálsamos, seus banhos se dirige a este erotismo, fornece-lhe os produtos. Parece que as mulheres também são muito mais sensíveis ao ritmo, à música, aos sons. No complexo o erotismo masculino é mais visível, mais genital; o feminino é mais tátil, muscular, auditivo, mais ligado aos odores, à pele, ao contato.

Hoje, muitas vezes, estas diferenças são minimizadas dizendo que são consequência da milenária divisão dos papéis entre os sexos, especialmente do domínio masculino. A diversidade entre os dois sexos expressam as mutilações que cada um deles sofreu por causa deste domínio. O homem, empenhado no trabalho, na vida social, é ativo, olha os resultados e se imagina independente, liberto dos sentimentos, dotado de uma infinita e insatisfeita potência sexual. A mulher, fechada na casa, se imagina frágil, fraca, necessitada de sustento emotivo por parte do homem. Por isso se ocupa de seu corpo, de sua pele, de sua beleza. Mas seriam resíduos do passado, destinados a desaparecer. Quase todos os autores propõem receitas sobre como superar este estado provisório de coisas, sobre como eliminar as diferenças que sobrevivem. Sem estudá-los em profundidade, esforçam-se em demonstrar a absurdidade. Na verdade só nos últimos decênios as relações entre os sexos estão mudando. **Estudando o erotismo não descrevemos um estado, mas um processo.** Pela primeira vez na história da humanidade, as mulheres e os homens se observam a fundo para entender-se. Para entender precisam identificar-se, assumir o papel do outro. Isso se vê bem na forma de se vestir, onde apareceu o unissex, onde as mulheres assumiram modelos masculinos (blusas e calças) e os homens os femininos (chambre, cosméticos). A possibilidade do erotismo é o produto desta descoberta, do jogo da troca de papéis, através dos quais cada um penetra nas fantasias eróticas do outro e lhe cede as próprias. Mas por isso é importante fixar-se um pouco nas diferenças. Nada desaparece sem deixar rastros. A vida sexual, emotiva, amorosa e erótica das mulheres e dos homens dos próximos anos, será diferente, mas não totalmente diferente da de hoje. O futuro é sempre uma síntese entre o anti-

go e o novo. Hoje, as mulheres e os homens procuram o que lhes é comum, superando as diferenças. Mas têm diversas sensibilidades, diferentes desejos, diferentes fantasias.

Ambos, muitas vezes, imaginam o outro como, na realidade não é e, pretendendo coisas que ele não pode dar. O erotismo se apresenta sob o signo do equívoco e da contradição.

A pornografia é uma figura do imaginário masculino. É a satisfação alucinatória de desejos, necessidades, aspirações, medos próprios deste sexo. Exigências e medos históricos, antigos, mas que existem ainda hoje e que ainda são ativos. As mulheres não estão muito interessadas a olhar a fotografia de um homem nu. Muitas vezes não ficam excitadas. Os homens ficam excitados pela nudez da mulher e fantasiam ter uma relação sexual com ela. Mesmo as estátuas, ou a reprodução de estátuas nuas da antiguidade, sempre serviram aos rapazes como material pornográfico, para masturbar-se. A excitação também pode ser provocada por narrações ou pelo cinema. A pornografia é uma contínua sucessão de atos sexuais, sem que haja uma história. Os protagonistas masculinos não devem fazer nada. Passeiam pela rua e uma mulher os leva à cama. No escritório, a secretária tira a roupa e, sem uma palavra, começa uma felação. A pornografia ostenta um universo fabuloso 'no qual não se tem mais necessidade de seduzir para obter, no qual a concupiscência não é nunca reprimida nem rejeitada, onde o momento do desejo coincide com a satisfação. Os heróis pornográficos estão isentos de ter que conquistar e de prelúdios amorosos: basta uma olhada, e as mulheres estão nuas e disponíveis; nenhuma necessidade de fazer as apresentações, trocar saudações. Na pornografia (masculina) as mulheres são imaginadas como seres obsessionadas de sexo, arrastadas por um impulso irresistível para lançar-se no pênis masculino. A pornografia imagina as mulheres como dotadas pelos mesmos impulsos dos homens, atribui a elas os mesmos desejos e as mesmas fantasias. Imagina que os dois desejos se encontram sempre.

Há uma conexão entre estas fantasias e a prostituição. A prostituta é, com seu corpo real, a encarnação da mulher famosa de sexo representada pela pornografia. A prostituta é 'isca' para o cliente. Não espera que ele vá a ela, a convida ou seduz. É ela que toma a iniciativa. Dá um piscar de olhos, um sorriso alusivo, um aceno com a cabeça. Passando perto lhe chama "belo", "bem masculino", convida-o a segui-la. Faz o que, na realidade nenhuma mulher faz. A mulher espera a iniciativa masculina. Mesmo que sua intenção é seduzir, não convida abertamente; espera que o outro decifre o gesto do convite. A prostituta seduz o homem como o homem queria para seduzir a mulher: prometendo-lhe prazer extraordinário. A prostituta age como a protagonista dos romances pornográficos masculinos.

A relação com a prostituta é uma viagem ao imaginário, pois a prostituta não experimenta o interesse erótico que exhibe. Finge. Finge para ganhar. É uma atriz e quer ser paga por aquilo que faz. Adapta-se às fantasias sexuais masculinas, aceita os ritmos, os desejos eróticos do homem mesmo que lhe sejam estranhos.

Pornografia e prostituição nos mostram que há uma região do erotismo masculino que é totalmente estranho à mulher e não lhe interessa, e que aceita mediante pagamento, ou seja, como atividade explicitamente não erótica, profissional.

Os **romances amorosos** são uma manifestação típica do erotismo feminino como a pornografia era típica do erotismo masculino. Sua estrutura foi muito estudada. A história principal pode ser esquematizada assim:

Há uma heroína que é semelhante a uma mulher comum. Nunca é belíssima. Ou, se é bela, tem um pequeno defeito: boca um pouco grande, olhos demasiado distantes... É inteligente, ativa, honesta. Ou é virgem ou não teve outras experiências amorosas. Se as teve, foram infelizes, água passada. Nos últimos romances é divorciada. Em geral não é rica. Está inserida em seu ambiente, não sofre de solidão. Desvaloriza-se. O livro - romance – demonstrará com os fatos que é capaz de suscitar um grandíssimo, apaixonado amor.

Esta mulher, num determinado momento, encontra um homem extraordinário. É o predestinado, o eleito: alto, forte, seguro de si mesmo. Muitas vezes tem os olhos gelados, frios, distantes. A mulher fica perturbada porque lhe aparece ao mesmo tempo fascinante e inacessível: demasiado bonito, rico, famoso, cercado e adorado pelas outras mulheres para que possa esperar ser olhada.

Mas, o milagre acontece. Este ser distante, selvagem, indomável, superior a olha, se ocupa dela. E já estamos no centro da façanha erótica. Acontece o improvável, o inaudito. A mulher é invadida pela excitação e fica perturbada. Queria crer que ele se interessa verdadeiramente por ela, mas tem medo de pensá-lo. Este homem é um sedutor, é portador de uma potência perigosa. Por isso desconfia e resiste. Em geral, neste momento aparece uma rival: uma mulher de costumes fáceis, mestra na arte da sedução. Muitas vezes este homem sai com ela para longe. A presença e o sucesso da rival, e a inacreditável distância do herói, fazem com que a heroína se convença de ter perdido, se desespera e perde o controle, escapa.

Mas o homem volta a insistir, convida-a ainda, é carinhoso, interessado. Então a heroína se enamora deste ser gentil e forte. Mas não sabe se ele a ama verdadeiramente. Ela acredita que é apenas amizade ou uma simples aventura. Por isso, se retrai, faz um 'escândalo' e vai embora. Isso cria problemas no homem – como se compreenderá no final – que está verdadeiramente enamorado por ela.

Há duplo mal entendido: ambos estão enamorados, mas ambos pensam serem correspondidos. A história se desenvolve como um romance policial. O problema da mulher é saber se, não obstante as aparências, o homem a ama ou não a ama. Ele se comporta cruelmente com ela: salva-a, mas depois a insulta. Ela vem a saber que ele está casado com uma mulher belíssima e despreconceituosa. Ou, ele a abandona no meio de uma floresta. Às vezes acontece que ela o encontra na cama com sua rival, ou que descobre as roupas da mulher no outro armário.

No fim, a sedução: não era culpável. Nunca esteve interessado na rival e nunca se tinha casado. Largou-a na fossa, mas só para poder salvá-la. Estava, sim, na cama com outra mulher, mas porque estava ferido e a mulher simplesmente se inclinou sobre ele. Quanto às roupas no armário, estavam ali há anos. Tudo o que na vida real seria mentira descarada, mostra-se verdadeiro. O homem, na realidade nunca fez nada de culpável. Tudo foi apenas obstáculo externo, ou mal-entendido, ilusão.

Este erotismo deste romance amoroso não tem quase nada a ver com o sexo. Pode até haver relações sexuais. Na literatura mais recente, a heroína faz amor desesperadamente. Mas as emoções profundas, o que é especificamente erótico nestas histórias não é a relação sexual. É a perturbação do ciúme. O erotismo se acende quando esta mulher qualquer, não tem nada para dar, percebe o olhar e o interesse do herói sobre

si. O erotismo é também medo de ser amado. É necessidade de sentir-se procurada, procurada e ainda procurada. É dizer 'não' com a esperança ansiosa que o amado retorne apesar daquele 'não'.

A pornografia masculina e os romances românticos têm alguma coisa em comum. No primeiro caso tem uma mulher belíssima que, na vida real nem lhe olharia, lhe rejeitaria ou que quisesse ser convidada a ir num hotel de luxo, e depois pediria para casar. No erotismo rosa, a heroína que se enamora não tem vínculos. Ou não está casada, ou está divorciada, ou está casada com um homem que ama. Não há dilema e não encontra obstáculos internos para atingir seu amor. A pornografia masculina elimina a resistência feminina; os romances românticos eliminam os impedimentos e dúvidas, as responsabilidades.

O sonho da mulher

Nos homens, após o ato sexual, em geral tem uma diminuição de interesse pela mulher. Isso chega ao máximo na relação com a prostituta porque, neste caso, o desejo desaparece imediatamente, e o homem gostaria já estar vestido e fora da sala, fora do hotel, longe. Depois, pouco a pouco, se reacende nele o desejo sexual, e assim, a ternura, a vontade de estar junto a uma mulher, acariciá-la, olhá-la, ter novamente relações sexuais com ela. Num encontro amoroso, o homem prefere falar, ler, jogar antes do ato sexual, e concluir o encontro com o êxtase amoroso. Depois disso vai contente, satisfeito. Para o homem é este o momento mais oportuno para o afastamento.

A mulher interpreta este comportamento como rejeição, desinteresse. Sente-se tratada como comida predileta que enlouquece antes de comer, mas que depois, saciado, suscita desgosto. Mas ela não é uma comida, mas uma pessoa. O homem, antes a cortejava e a desejava. Não queria só seu corpo, suas pernas, seus seios, seu sexo. Queria sentir o seu desejo, admirava a sua inteligência. Desejava falar com ela, conhecer sua história, entrar em sua vida. Depois do orgasmo – ou certo número de orgasmos – é como se ela, como pessoa, desaparecesse e ficasse só um corpo rejeitado. Esta experiência de ser tratada como um corpo (rejeitada) leva a mulher a pensar que o homem, na realidade, queria só a descarga da tensão, que o interesse por ela como mulher, na sua totalidade não havia nem antes; mas só para poder satisfazer o desejo sexual é que ele falava e escutava. O encontro intelectual e emotivo, a intimidade, eram apenas um meio para atingir um fim. Se a tivesse desejado verdadeiramente como pessoa, teria continuado a desejá-la.

O desejo da mulher de ficar com o homem depois de seu orgasmo (ou seus orgasmos) é muito mais forte quando a mulher está enamorada. O homem precisa agradar-lhe. Porque o orgasmo da mulher é mais prolongado mas, sobretudo, porque ela sente a necessidade de ser desejada, de agradar de forma contínua, duradoura. O afastamento do homem interrompe esta continuidade. Uma vez que o desejo e o prazer da mulher se manifestam como necessidade de continuidade, a interrupção só pode significar desinteresse, rejeição.

Estamos diante de uma *diferente estrutura temporal dos dois sexos. Há uma preferência profunda do feminino pelo contínuo e uma preferência profunda do homem para o descontínuo*. Quando as mulheres dizem que gostam da ternura, de carícias e que as preferem ao ato sexual, não se referem somente ao aspecto tátil. Indicam a necessidade de atenção amorosa continuada, interesse continuado dirigido à sua pessoa. A

prevalência do tátil é somente uma manifestação desta mais profunda prevalência do contínuo.

A contraposição contínuo-descontínuo é o eixo portador da diferença feminino-masculino. Isso se verifica em todos os relacionamentos, mesmo nos modos de pensar ou de descrever a experiência subjetiva. Para a mulher, os vários estados emotivos são menos separados do que no homem. Para a mulher a ternura e o carinho se harmonizam. Para o homem, muito menos. A mulher sente como erótica tanto a emoção provocada pelo contato do corpo da criança como aquele provocado pelo contato com o corpo do amante. Às vezes os gostaria ter a seu lado, ambos na cama. No homem são experiências muito diferentes.

Esta natureza contínua, no tempo e no espaço, aparece claramente na excitação sexual feminina e na diferente natureza de seu orgasmo. Já que a mulher pode ter orgasmos similares aos do homem, a sua experiência global é totalmente diferente. Não está localizada num ponto, não é finalizada a uma meta e não se exaure num ato.

A continuidade do erotismo feminino cria, no homem, uma forte atração e, ao mesmo tempo, inquietude. O homem percebe a continuidade como intensidade, o desejo de proximidade como desejo de orgasmo, o erotismo difuso, cutâneo, muscular como paixão incontenível. Intuindo a natureza contínua da excitação sexual feminina, algumas pessoas experimentam vergonha diante da simplicidade masculina, uma modalidade empobrecida. Depois do ato sexual, muitas vezes a mulher olha com doçura seu amado adormecido. Sente-o indefeso. Os traços de seu rosto não mais tensos; tornaram-se serenos como aqueles de adolescente ou de uma criança. Tudo isso é muito belo para uma mulher que ama. O sono lhe dá um senso de proximidade, de intimidade, como o tivesse nos braços. O sono é uma consequência comovente de seu amor. Ela sente o sono como rejeição somente quando não ama seu homem, quando não o suporta. Não é o sono que separa, mas o desinteresse, pensar outra coisa, ir embora, mesmo que seja com a mente.

Há uma conexão estreita entre o erotismo tátil, muscular, entre a capacidade de sentir os odores, os perfumes e os sons... e o prazer de ser desejada de forma contínua, amada de modo contínuo. O tato significa proximidade, e assim o odor. A mulher quer sentir a presença física de seu homem, sentir as suas mãos sobre sua pele, sentir a força suave e acolhedora de seu abraço, sentir seu odor, sentir a mistura de seus odores que se torna perfume. Quer ouvir sua voz profunda que a chama; quer ouvir o ruído de seus pelos, o peso de seu corpo, a força delicada de sua mão, o contato leve de seus dedos; quer perceber o olhar sobre si quando usa um vestido novo; quer sentir o odor de suas roupas, o odor de seu corpo masculino. Tudo isso se desenrola no decorrer do registro de continuidade: continuidade de ternura, carícias, palavras; continuidade do desejo, da atenção, da excitação, do interesse, da paixão, do cuidado. É, portanto, o desejo de estar junto, de com-viver, de participar nas mesmas experiências, de ver as mesmas coisas, a mesma lua, as mesmas nuvens, o mesmo mar, de respirar o mesmo ar, de ter a mesma vida.

O erotismo feminino tem uma segunda raiz. Uma raiz que não é pessoal, individual, mas coletiva: **As histórias dos ídolos.** Os homens não estão interessados na vida privada dos ídolos, não participam de suas histórias de amor. A eles interessa o ator, o cantor, a sua capacidade e não o que sucede a eles na vida cotidiana quando voltam para casa, com seu marido ou com seus amantes. À mulher interessa exatamente isso. A

construção dos ídolos é fenômeno feminino. É produto de um lado do espetáculo, e do outro dos jornais que falam da vida privada do ator ou do cantor. As mulheres interessam-se tanto como se fosse conhecido delas, vizinhos de casa. Experimentam sentimentos de amor, desejos, antipatias reais. Quando as adolescentes começam a interessar-se pela música e explode nelas o fanatismo por um cantor, trata-se de um amor verdadeiro, de uma paixão verdadeira. Por exemplo, milhares de adolescentes – diante do cantor Elvis Presley – gritavam, choravam, desmaiavam, pediam para beijar, queriam tocá-lo, serem tocados, queriam ser possuídos por ele. A situação de entusiasmo coletivo orgiástico, sonoro, não deve esconder o fato que cada uma destas adolescentes desejava o cantor para si, e que, se tivesse podido, teria ido para a cama com ele, teria feito por ele qualquer coisa. Os fãs continuam a desejar seu ídolo por anos.

Nada disso é semelhante no mundo masculino. Um rapaz pode adorar uma cantora, pode excitar-se e desejá-la eroticamente. Mas dificilmente fica tão ‘louco’ por ela a ponto de desvalorizar todas as outras mulheres. A moça apaixonada não vê ninguém mais a não ser ele e os homens comuns lhe parecem totalmente privos de valor, insignificantes. O mesmo sucede em relação aos personagens dotados de poder, especialmente os chefes carismáticos. O rapaz adora o chefe, mas seu amor é totalmente deserotizado. Na mulher a relação com o chefe se torna facilmente erótico. Em todos os movimentos coletivos, antigos e modernos, sempre há uma corte de mulheres sexualmente disponíveis ao redor dos chefes e líderes. As italianas desejavam Mussolini, os alemães, Hitler, as russas, Stalin e as americanas Roosevelt ou John F. Kennedy. Em todos os cultos, em todas as seitas, em todas as religiões, o ‘santão’, o sacerdote, o guru, o pregador, o profeta... é sempre circundado por um grupo de mulheres desejosas de contato, de amor, de sexualidade. Convém observar que os homens da seita, neste caso, não são ciumentos, não se sentem diminuídos pela preferência das mulheres pelo eleito.

Estamos diante de uma diferença fundamental entre o erotismo masculino e feminino. O erotismo masculino é ativado pela forma do corpo, pela beleza física, pelo fascínio, pela capacidade de sedução e **não** pela centralidade social, reconhecimento social, poder. Se um homem pendura uma fotografia de Marilyn Monroe nua é porque é uma belíssima mulher nua, a mais bela do mundo. Não é sua celebridade, mas sua beleza que o atrai. Pode pendurar outras fotografias de mulheres nuas e, em alguns casos, ser mais excitado ainda. Se um homem tem a chance de ter relação sexual entre uma atriz famosa, mas feia e uma deliciosa moça desconhecida, não terá dúvida em escolher a segunda. Isso porque sua escolha é feita em base de critérios eróticos pessoais. O erotismo feminino está profundamente influenciado pelo sucesso, reconhecimento social, aplauso. O homem quer ter relações sexuais com uma mulher bela e sensual. A mulher quer ter relações sexuais com um chefe, com um líder, com quem é amado por outras mulheres, com quem está no centro da sociedade.

Este aspecto do erotismo feminino entra na tendência da mulher à contigüidade-continuidade. No homem tem separação entre eros e política, entre sexualidade e poder. Na mulher, continuidade. A proximidade física, a relação tátil, sensorial, erótica é um modo de ser dentro da sociedade, no grupo. Estão no centro. As feministas explicaram-no dizendo que sempre foi o homem que teve o poder. A mulher, dizem, ao longo de milênios, aprendeu a erotizar a proteção do potente. Esta tendência tende a desaparecer com a igualdade de sexos. Mas isso demorará, pois é algo muito antigo. Nos mamíferos superiores, a fêmea copula com o macho que domina o território. Des-

ta forma se preserva o patrimônio cromossômico valorizado. Na espécie humana a mulher precisa conservar a própria vida e a dos filhos diante da fome, dos inimigos e diante de dificuldades imprevistas. Por isso, após atrair o guerrilheiro, o chefe e ter o sêmen precisa entretê-lo e domesticá-lo; não deve ir embora, mas ficar para defender a casa, a comunidade. Deve, portanto, ser capaz de amar, ter natureza social e comunitária. Deve, em síntese, ter as exigências de um herói: forte e apaixonado, aventureiro e leal, responsável diante dos compromissos assumidos, dos deveres da comunidade, intransigente com os inimigos, mas carinhoso com a amada. Somente quando a comunidade se reduz a um par, como na família monogâmica moderna, a mulher sente a necessidade exasperada de ligar a si um homem comum.

O fato que o homem sonhe a relação com tantas mulheres diferentes, e a mulher o amor verdadeiro e definitivo, fiel a um único homem, não torna o homem poligâmico e a mulher monogâmica. Na realidade, as inúmeras fantasias amorosas da mulher mostram claramente que ela está sempre à procura do eleito. Se fantasia, ela o faz porque aquilo que possui não a satisfaz plenamente. As histórias amorosas que vive nos romances são uma forma de adultério como as masturbações solitárias do homem diante das fotografias pornográficas. O homem sonha tantas mulheres diferentes, a mulher tantos amores apaixonados com um homem extraordinário.

Se o homem ama a variedade e a mulher pensa num amor para sempre, nisso ambos procuram o que é eroticamente excitante. Um, num corpo sensual; a outra, numa relação amorosa com o herói.

A mulher é mais possessiva, tenaz, fiel ao homem, procura uma relação mais duradoura. Mas também ela às vezes olha a outro homem perguntando-se se ele não é melhor do que aquele que ela tem! Não só como corpo físico, peito, braços... mas como fascínio. Às vezes as mulheres falam de masculinidade. Neste conceito entram muitos aspectos: modo de caminhar, odor, gesto, emblema na roupa, riqueza, poder. A masculinidade é um atributo físico e social, é um olhar e um gesto de comando, é um modo de falar e uma superioridade. A síntese está no príncipe herói.

Aquilo que uma moça sente em relação a um cantor, uma mulher por um ator é enamoramento? É certamente uma paixão erótica que se assemelha às fases iniciais do namoro. É uma forma de amor, de adoração semelhante ao namoro, mas, também há uma diferença profunda: No namoro o valor da pessoa se revela independentemente dos valores sociais, do sucesso, da glória. O namoro é a revelação daquela pessoa comum, que não tem nada deferente dos outros, mas para nós é uma individualidade única e insubstituível, dotada de valor absoluto. Se o namoro dependesse das qualidades sociais, reconhecidas pelas pessoas, todos os homens se enamorariam somente de mulheres belíssimas e as mulheres somente dos homens poderosos e famosos. Isso não acontece. Há uma oposição entre a atração erótica para com um chefe e para com um líder que se dirige a um objeto coletivamente reconhecido, e o enamoramento que escolhe a individualidade em si mesma. O namoro inverte os valores sociais, as hierarquias reconhecidas. Quando está enamorada, a mulher ama também a pequenez, as dores, as fraquezas, os defeitos, a fragilidade do amado. Ama a sua pobreza. Ama o que ele é, colocando de lado o juízo do mundo. Ao passo que o amor pelo chefe ou líder se inclina diante da opinião coletiva.

Contudo, na mulher coexistem ambos tipos de amor e de erotismo. Cada mulher, no homem amado, procura sempre também o herói.

Nos casos onde a mulher consegue entrar em intimidade com o líder, a viver com ele, em geral experimenta uma profunda decepção, porque pensava conhecê-lo, mas conhecia apenas a dimensão pública, as fantasias coletivas orquestradas por seus agentes. Por outro lado, o homem famoso, o político poderoso, o líder amado por milhares de mulheres, é desconfiado deste tipo de amor. A quem realmente esta mulher ama: o seu sucesso, a sua glória ou a sua pessoa? É como a rica herdeira ou o milionário que nunca sabem se são amados por si mesmos ou por seu dinheiro. Há nestas relações um elemento de ambigüidade. Nos romances de amor, a mulher se pergunta se o interesse do herói por ela é anônimo ou personalizado; se é apenas uma do grupo ou a eleita!

Muitos comportamentos cruéis, cínicos, dos grandes homens e dos grandes líderes podem ser interpretados como produto da frustração de uma necessidade individual de amor sincero e profundo. Porque as mulheres que os circundam e desesperadamente querem tocá-los, mas logo que são admitidos à intimidade, reprimem-nos de serem como são, e iniciam uma luta com as rivais.

O correspondente feminino do poder é a grande beleza. Também ela está carregada de uma competição terrível. As mulheres muitas vezes, e com inquietação, notaram que os homens parecem ter medo da beleza feminina. A mulher bonita suscita desejo, mas também desconfiança e temor. Muitos homens inteligentes, capazes, belos, fascinantes casam muitas vezes com mulheres feias ou apenas agradáveis, como se tivessem entendido que as mulheres belas não eram para eles.

A observação objetiva e sem preconceitos da realidade nos mostra que há algumas categorias de homens que têm mulheres muito bonitas: os chefes carismáticos, os milionários, os líderes, os grandes atores, os grandes magistrados. A Beleza, a grande beleza é atraída inexoravelmente, pelo poder e o poder tende a monopolizá-la. É esta ligação profunda, ancestral que torna prudentes os homens comuns, porque sabem que a beleza feminina requer competição, luta, que coloca em jogo os poderosos.

A sedução feminina tende a produzir uma emoção erótica indelével. Mesmo quando sabe que se trata de um único encontro ou quando sabe que o homem é inatingível.

A sedução feminina ativa a excitação erótica masculina, gera nele o desejo como se acendesse uma chama. Mas sua meta última não é o ato sexual, mas produzir o enamoramento do homem, suscitar nele um desejo que se renova sempre. A sedução é um encantamento, deve despertar o desejo e fixá-lo sobre si. Eis porque o convite sexual de ser ao mesmo tempo negação e obstáculo. O convite apressado para chegar à satisfação sexual não é um encantamento, porque aceita o fim, o esquecimento, o desinteresse. A proposta que diz: "façamos sexo e depois nos esqueçamos" é obscena. O encantamento, o erótico, é o contrário do obsceno. Para fazer desejar o sexo precisa-se pouco: basta alguma carícia, sobretudo nas partes erógenas, e o homem está pronto para fazer sexo. A sedução feminina quer algo mais: quer fazer-se recordar; age no presente, mas olha para o futuro. Diz-se que toda mulher espera o príncipe encantado que a desperta. Isso é verdade e falso ao mesmo tempo. Seu verdadeiro empenho é tornar-se tão bela que o príncipe encantado a olha e a deseja, e a acha tão bela

que não quer mais ir embora. Sua estupenda beleza adormecida que o fascina, que o detém, que o distrai de seu caminhar. Ele andava e não via, não sentia, não desejava. A fábula diz que a bela se acorda com o beijo do príncipe. Mas o príncipe começa a ver e sentir-se sozinho na presença da bela. É ela que o espera para mostrar-lhe uma beleza que não conhecia e fazê-lo experimentar o desejo e a paixão.

O homem, quando pensa na conquista, tem em mente a relação sexual; a mulher, a emoção erótica que a faça recordar e desejar para sempre. A mulher tende ao erotismo contínuo, mas não no sentido de que queira transformar em relação contínua todo encontro. Quer deixar uma marca permanente, mas ao mesmo tempo subtrair-se. Algumas mulheres fazem de tudo para fascinar o homem, e quando se dão conta de que conseguiram caem fora e fogem porque não desejam uma relação amorosa concreta, mas suscitar um desejo, um amor.

O desejo de continuidade da mulher se manifesta de muitas formas. A mulher aprecia os atos que significam a continuidade do interesse: uma telefonada, uma saudação, as flores, uma conversa amorosa, as carícias, estar abraçados, interromper e recomeçar. Está sempre à procura da espera amorosa, íntima, serena, doce, não só de vez em quando, nos intervalos roubados de outras atividades, mas por longuíssimos períodos de tempo. Naturalmente, a mulher empenhada em uma atividade profissional tem sempre pouquíssimo tempo e tantas coisas para fazer que acaba assumindo uma atitude masculina. Mas, no fundo deseja poder abandonar-se a uma doçura prolongada na qual não se olha no relógio. Como deixar-se bronzear na praia pelo sol. Porque gosta de estar bronzeada e desejável, mas porque o sol é como um amante bom e terno. Provavelmente a maioria das mulheres deseja, no homem, uma ereção prolongada, pois quer dizer que o homem ficou excitado por sua beleza, que a deseja de forma duradoura. Porque o abraço amoroso e o êxtase da fusão duram tempo, horas e horas. Os homens imaginam que as mulheres adorem o pênis ereto. Na verdade o que desejam é a permanência do interesse amoroso, da doçura, do abandono, da paixão. Isso alimenta seu erotismo, seu prazer. A ejaculação precoce é irritante não em si, mas enquanto sinal de desinteresse masculino e do estado de agitação, frustração e apatia que segue. A mulher experimenta, neste caso, um sentimento de vazio, de inutilidade, de desespero. Parece não mais existir e reage com raiva. Isso se nota frequentemente no matrimônio ou na convivência. A mulher imagina que, junto com o amado, realizará a continuidade do erotismo. Pensa que a descontinuidade no comportamento do homem dependa de fatos externos, de dificuldades materiais, do trabalho e não crê que faz parte de sua masculinidade.

Na dimensão do **erotismo masculino o que conta é o esplendor do encontro sexual.** O encontro erótico é, para ele, um tempo luminoso, subtraído da vida ordinária. Portanto, tem um início e um fim. Sabe que voltará à vida quotidiana. O encontro luminoso é como uma experiência regenerante da qual sai enriquecido, reforçado, feliz, realizado. Volta ao mundo mais seguro, mais forte.

O homem experimenta com mais freqüência que a mulher, o *instante de eternidade*. Não é um intervalo temporal, mas um estado particularíssimo, externo ao tempo. Quando o instante de eternidade desaparece, reaparece o tempo. Mas o valor do instante de eternidade é superior ao tempo. Sua lembrança (nostalgia) faz parecer o

tempo como um obstáculo, uma queda, uma distração de nossa verdadeira natureza que é de viver no eterno. Exatamente como na experiência do místico, para o qual Deus se revela somente em gotas de eternidade. O homem enamorado experimenta, às vezes, uma profunda tristeza pensando que o divino momento que está vivendo está destinado a desaparecer, a cair dentro do tempo.

Diversamente do instante de eternidade, o *encontro luminoso* é um fragmento de tempo, uma ilha de experiência, que pode ser recordada como acontecimento, pode ser modificado na fantasia.

Também o homem enamorado continuará, durante a separação, a pensar em sua amada. Às vezes se imagina tê-la perdido, sentirá muita saudade. Mas, em geral, quando a saúda, mesmo se se comoveu, sente-se pleno de vida. O encontro luminoso o torna mais audaz. Partindo, está seguro de reencontrá-la e procura unicamente merecer seu amor. A lembrança dela vive em seu coração e lhe dá coragem. Quando age, pensa nela. No homem, a memória preenche a descontinuidade da presença.

Se o homem não está enamorado, o desejo de rever aquela mulher vai depender da beleza do encontro. Se o encontro foi luminoso, desejará encontrá-la novamente; se houve problemas, desencontros, rancores... seu desejo de rever a mulher diminui.

O encantamento sobre o homem tem, em geral, duração limitada. É perene fonte de decepção nas mulheres e de repreensão.

A mulher, quando inicia uma relação amorosa que valoriza, coloca uma incrível energia para preparar a casa, torná-la atraente, confortável para que seu homem encontre nela alegria e vida. Se não tem casa própria, inventará outros sistemas. A casa, o **ninho** é uma de suas fundamentais preocupações. É uma extensão de si mesma, de seu corpo. Como os seus móveis, como o lençol floreado na cama, como as cortinas da janela, as cores das paredes, como as plantas e as flores com as quais se cerca. A preparação da casa faz parte integrante do ato de atração e sedução. As revistas de decoração têm um conteúdo maior que as de moda.

Do ponto de vista erótico, o ambiente apropriado (feminino) tem uma grande importância para o homem. Não devemos confundir as fantasias masculinas com seu comportamento real. O homem fica excitado e fascinado pelos móveis, pelo perfume e pela atmosfera da casa feminina. Diz-se que o homem só pensa em tirar a roupa. Mas isso pressupõe os móveis e seu erotismo. Tem roupas que não se podem tirar: o ninho, a casa, ficam ali e também são roupas. O corpo feminino nu está sempre colocado dentro de uma coroa florida, sedutora, perfumada.

O ninho não é feito unicamente de objetos, de tecidos, de cores, de atmosfera, de luzes. É feito também de acolhida. Também a acolhida é revelação. À prostituta de estrada falta completamente este acolhimento.

O lado negativo da sedução feminina é o temor de não possuir atração, de não poder produzir a emoção profunda. Sobre isso as mulheres divergem muito. Algumas, desde jovens, estão seguras de sua capacidade sedutora, orgulhosas de seu poder erótico sobre o homem; outras estão inseguras. Talvez porque rejeitem assumir o papel feminino. Quando uma mulher está insegura de si mesma, de sua capacidade sedutora, tende a acentuar ainda mais a sua necessidade de continuidade. Ficará ligada a seu homem de modo quase obsessivo, e temerá mais ainda perdê-lo. Por ele estará disposta a renunciar a todas as ocasiões da vida, à sua carreira, até mesmo ter um filho.

Há mulheres de grandíssimo valor que, por este motivo, permaneceram ligadas a homens medíocres, sacrificando-se por eles. E isto, não obstante suas convicções políticas e ideológicas. Aconteceu também a feministas convictas.

A mulher é atraída pelo homem capaz de emoções violentas, de amor apaixonado. É atraído pelo homem capaz de sentir e de querer, pelo homem que sabe jogar-se na aventura amorosa com decisão, com coragem. Este desejo é o exato correspondente da fantasia de sedução. A mulher deseja produzir uma emoção erótica indelével em cada homem, mesmo se depois se doa somente a quem o merece, somente a quem é capaz de responder de forma adequada.

Muitas vezes as mulheres têm a impressão que os homens sejam incapazes de amar de modo apaixonado, de abandonar-se aos próprios desejos. Preocupados, absorvidos pela profissão, pelo cálculo econômico, espantados com a nova paridade da mulher, temerosos pela beleza feminina, estão pouco disponíveis para aquilo que de heróico e de arriscado há no amor e no erotismo. Existe a expressão *machismo* para indicar o homem tradicional que se gloria, que despreza a mulher, que conta vantagem de uma incrível imaginária potência sexual, mas que se preocupa, sobretudo, dos outros homens dos quais teme a concorrência, com os quais se confronta continuamente. Este tipo de homem faz atos perigosos para mostrar sua coragem física, para ser admirado por todos. Mas, na realidade, não está interessando na mulher e não é capaz de enfrentar com coragem a aventura do amor erótico com os seus riscos. Envergonha-se de admitir que também ele tem necessidade de afeto, que teme a solidão, que a mulher lhe é necessária.

Em seu íntimo, tanto os homens quanto as mulheres têm uma necessidade desesperada daquilo que é extraordinário, de tudo o que é superior à vida cotidiana com sua banalidade, sua monotonia, sua falta de sentido. Os homens – varões – ao longo da história procuraram o encontro com o Absoluto de muitas formas. Na religião, na guerra, no rito, na aventura. A mulher foi obrigada, por milênios, a viver no ambiente estreito da família e da casa. Neste contexto se desenvolveu sua necessidade de transcendência e de utopia. Certamente ela também participou apaixonadamente de novos cultos, fundou seitas religiosas. Mais recentemente sua energia criativa orientou-se para a invenção artística, científica, literária. Mas as marcas de milênios ficaram, o que explica sua necessidade grande de redimir o cotidiano, onde tudo realiza sua natureza, onde as emoções são luzes fulgurantes e o erotismo um canto altíssimo, um contato duradouro com o ideal e a essência última das coisas.

A mulher deseja, portanto, encontrar o homem que sabe responder à sua busca de grandes emoções, e é atraída por personalidades fortes, magnéticas. Mesmo se depois é desiludida porque estes homens muitas vezes estão fascinados apenas pelo sucesso e pelo poder. Estes homens têm muita energia interior, mas pouco dela convertida em erotismo e amor. A sedução feminina procura evocar, liberar esta força aprisionada, sufocada, e o faz de forma extrema para com o homem que escolheu, que ama. O movimento feminista dos anos 70 foi também uma tentativa de sacudir os homens, de revelar a eles a riqueza dos sentimentos amorosos.

As mulheres sabem, como os homens, talvez melhor do que eles, que o namoro tem alguma coisa de inevitável em seu percurso. Quando existem bem poucas forças corre o risco de se apagar. Quando terminou não tem nenhuma potência capaz de fazê-lo

ressurgir. Se um homem não está mais enamorado nem as mais sofisticadas formas da sedução podem reconquistar o seu amor. As mulheres sabem disso, mas mesmo assim costumam de admiti-lo a si mesmas e se comportam ou falam como se fosse possível. Isso depende também do fato que, por estarem habituadas a procurar em cada coisa a continuidade, a negar as diferenças, são levadas a confundir a questão erótica, o grande desejo com o enamoramento apaixonado. O homem sabe distinguir muito bem se aquilo que sente é um desejo sexual ou um amor. Na mulher as duas experiências são mais sutis. A necessidade de serem cortejadas, amadas, desejadas, leva-as a aceitarem numa boa uma forma de amor que não é namoro.

Não é raro que as mulheres, entre o homem que amam e o homem que as ama, acabam por escolher aquele que as ama. Com o risco de amar preferem a certeza de ser amada. Mas chamam também isso de amor. Numa conversa dirão que amam o seu homem, que estão enamorados dele e que o outro (o verdadeiro grande amor) era um engano.

É difícil para uma mulher aceitar a idéia de não conseguir conquistar o homem que deseja ou manter o que tem. Isso porque o rosto da sedução feminina é duplo: na mulher também tem o aspecto coletivo do erotismo e isto se apresenta como conquista, manipulação, domínio. Há duas imagens arquetípicas da sedução feminina: A *Bela Adormecida*, *Branca de Neve* onde o homem está fascinado pela **beleza**. Enamora-se e a mulher parte com ele. A segunda é aquela da *maga* (Circe, Alcina) que entretém o homem com o **encantamento**. O mito nos diz que Branca de Neve ou a Bela adormecida estão enamoradas do príncipe Circe e não de Ulisses. Quer a ele, mas está disposta a tê-lo prisioneiro contra a sua vontade. Alcina encanta Rugero para impedi-lo de combater contra os sarracenos dos quais é aliada.

Este tipo de sedução assemelha-se ao filtro, ao engano, à manipulação, ao poder. Seu objetivo não é o amor, mas o domínio. Quer manter atado o homem, fazê-lo fazer o que quer. Para tal usa todos os sentimentos: excitação erótica, adulação, mentira, recato. Para ter êxito, este tipo de sedução requer um distanciamento emotivo e uma frieza incompatíveis com um amor apaixonado. A mulher que age assim vencerá se seu objetivo é o matrimônio, ou o dinheiro, ou o sucesso, ou o prestígio social. Mas se seu objetivo é o amor, então, quando venceu a sua batalha, se dará conta de não saber se o homem a ama verdadeiramente.

A sedução não é só convite, mas também rejeição porque a mulher diz 'não' à solicitação impessoal do homem. Quer que a sexualidade seja dirigida à sua pessoa. O 'não', o limite... também tem um outro significado: a mulher atingiu o desejo no homem, mas a mulher teve que envolver-se, fazer-se presa, convidar o outro a ser caçador. A mulher tem necessidade que o homem a procure.

Na mulher existe uma estranha contradição: quer um homem forte fisicamente e teme a sua força na relação erótica. Esta é uma das razões que impulsiona a mulher a preferir o homem vestido (o fascínio dos uniformes). A roupa esconde a rudeza física, mas faz transparecer a força e, portanto, o sentido de segurança que tal força suscita. O primeiro passo que a mulher faz em direção ao homem é o desejo de refugiar-se em seus braços. A queda das barreiras psicológicas e físicas por parte da mulher depende da forma pela qual o homem a abraça. No abraço percebe se aceitará seu corpo nu em qualquer momento, não somente na relação sexual. O corpo do homem se torna mais macio, fica forte e flexível; fica leve, atravessável com as emoções. É possível comuni-

car, através da pele, com a psique. É penetrável pelo corpo feminino. É um paradoxo porque a mulher tem medo e ao mesmo tempo quer atravessá-lo com as emoções. Mas, se o homem a agarra de forma possessiva, brutal, como se agarra um objeto, a mulher o percebe como uma violência física e psíquica. Sente-se impotente, tem medo, a mesma sensação experimentada no estupro. A força física do homem atrai e atemoriza a mulher. Por isso algumas mulheres preferem homens graciosos, frágeis fisicamente: não têm medo de sua força e o podem tratar como criança a nível físico e psíquico. Mas tais mulheres, em geral, querem dominar o homem em outros aspectos. A aceitação do corpo do homem, a idealização também de seus aspectos rudes, é o primeiro sinal de amor. Como o desamor leva-a a rejeitá-lo, primeiro de forma velada, sutil, ambígua; depois de forma manifesta. Na realidade, quando uma mulher não ama mais um homem, ela coloca em evidência todos os aspectos rudes, animalescos. Repreende-o quando ronca durante o sono, quando caminha pela casa, quebra tudo, desloca tudo. Irrita-lhe seu ambiente-corpo. Seu odor se torna azedo, insuportável. Os lençóis estão repletos de odor azedo, animalesco. O aspecto animalesco é difícil de apagar para uma mulher. Tanto é verdade que muitas mulheres vêem os homens na praia como 'macacos'. Em relação aos próprios filhos a mulher faz o contrário: para ela sempre são bonitos, mesmo que sejam gordos. Nunca vai admitir que são feios. Muitas vezes se confunde isso com 'amor materno'. Na verdade, a mulher não admite ter dado à luz um filho feio. Admiti-lo significaria que uma parte de si também é um pouco assim. Por isso faz o contrário que faz com o próprio homem. Dá-lhe 'excesso de afeto'. Gostaria de recolocá-lo no útero, escondê-lo, matá-lo.

Se a mulher ama o homem, ma também o seu corpo e o ama como o próprio corpo, mesmo quando a velhice aparece, é agradável, caloroso, sinuosamente acolhedor. A mulher, portanto, aceita pouco a pouco o corpo do homem, através do amor. O homem amado, portanto, não é mais o animal predador que caçou seu corpo, que se alimentou, que dorme saciado. O corpo do homem amado não é mais separado, descansa em seus braços e respira seu hálito como ar indispensável; sente o perfume nas narinas, certa de estar em paz com a vida. Tocá-lo é, então, tocar uma área maravilhosa, repousante. É a certeza do contínuo, do permanente, da eternidade.

O SONHO DO HOMEM

O grande sonho da sedução feminina é a continuidade do amor. No centro do erotismo masculino e de suas fantasias encontramos a descontinuidade do prazer sexual. Obviamente no erotismo feminino há o prazer, mas mediado pela relação amorosa e encontra sua nobreza na generosidade do amor. O prazer do amor é intrinsecamente moral. O amor é dom, dedicação, altruísmo. O amor tende a produzir a fusão dos dois indivíduos. Cada qual transcende seu eu empírico, sua mesquinhez egoísta.

O enamoramento louco é como o convertido que deixa a casa, os filhos, tudo, por sua fé. Ou como o terrorista que mata, mas por razões ideais. O prazer não tem esta dignidade ética. O erotismo masculino é o contrário da ética. Esta requer considerar o outro ser humano como fim e nunca como meio. O objeto do desejo erótico masculino é meio, como a comida, como a água, como a cama para quem tem sono. Tudo o que serve para satisfazer uma necessidade é meio. Até a reciprocidade no erotismo masculino é egoísta. O prazer da mulher é desejado em vista do próprio prazer.

Somente o prazer do outro enquanto seu prazer, antes de ser um meio para meu prazer, entra no registro do amor e da virtude. O erotismo masculino não tem esta dignidade, mas é forma egoísta de gozo. Se um homem casado sente atração erótica por uma mulher e tem relações com ela, não para viver com ela, não para construir um futuro com ela, uma nova família, não para realizar um grande amor, mas ele o faz única e exclusivamente porque lhe agrada ter relações sexuais. O prazer é tolerado em quem não tem compromissos, vínculos, em quem não fez pactos. O prazer sempre é vivido fora das instituições como degradação, dissolução. É seguir a linha de menor resistência. O homem erótico está possuído pelos desejos, corre atrás de todas as coisas e não sabe colocar-se uma meta e ordenar os meios àquela meta. E tal erotismo em geral termina mal. Já na concepção grega os *afrodisia* têm em sua base uma energia que tende ao excesso. Destas forças é preciso fazer uso moderado, e isso só é possível se é capaz de opor-se a elas.

A fantasia erótica masculina, neste sentido, é oposta à feminina. Se esta procura a continuidade, a intimidade e vida em comum, a masculina se esforça por excluir o amor, o compromisso, os deveres, a vida social. A dimensão de não-compromisso é reforçado por mulheres que representaram, nos últimos anos, o ideal erótico masculino, elas tinham como característica comum não criar laços e responsabilidades. A mulher que encarna a fantasia erótica des-responsabiliza o homem de seu desejo. Não pede compensações éticas ao prazer, como por exemplo, Marilyn Monroe. Sofia Loren não se encaixou neste modelo, e por isso, mesmo sendo muito bela, não se tornou símbolo sexual. Brigitte Bardot, sim. A mentalidade masculina nega um componente extremamente importante que é a **responsabilidade**, nega o impulso biológico que leva o homem a parar e cuidar da mulher e dos filhos. Neste erotismo masculino tem um componente anti-social, uma inquietude de liberdade que os homens até admitem. Frequentemente o homem trai a própria mulher, a própria amante, não porque esteja interessado em outra mulher. Trai-a para ser livre, para poder escapar de sua vigilância, para sentir-se fora da sua possessividade amorosa, de seu controle. Também a mentira, a dissimulação devem ser vistos nesta perspectiva. O erotismo, nesta área protegida por amores e deveres tem o sabor da liberdade caprichosa e desenfreada, da irresponsabilidade.

A ética, como o amor, é vínculo, empenho, continuidade. A liberdade do erotismo masculino pretende rejeitar o que é desagradável, o que ofende, o que irrita. Quer sempre ter o direito de poder escolher, elogiar, recompensar a quem lhe dá prazer e poder descartar quem não lhe dá.

Uma outra manifestação do erotismo descontínuo (masculino) é o refúgio, o castelo, a gruta de carne. Nos braços da sua amada o homem está longe de todos os barulhos e incômodos do mundo. Consola-se dos erros esquecendo-os, cura suas feridas. O erotismo se torna a ilha que torna vivível uma vida que de outra forma seria invivível. Para o homem isso é algo simples: basta que duas pessoas queiram fazê-lo. Não requer nenhum estado nascente, apenas a boa disposição. Se estão de acordo, então, ao menos por algumas horas, podem criar um encantamento entre eles dois, e construir um jardim de rosas longe do mundo. Podem, depois, retornar ou não retornar. É um *encontro* com expressão particular no qual acontece o abraço, o ato sexual. A unidade elementar deste erotismo é um intervalo, um *intermezzo luminoso*.

O erotismo pressupõe a ausência de preocupações com a pessoa com a qual se tem a relação. A concentração meditante, o erotismo como meditação é tanto mais agradável quanto mais nos liberta de uma frustração, de uma aridez e de uma tristeza que pode tomar conta de nós. A esta dimensão pertence o *amante*. O tempo passado com a amante deve ser um tempo livre de qualquer preocupação, extraordinário; o tempo da felicidade, o tempo da paz; um tempo separado da quotidianidade, com um início e um fim. A amante existe em paralelo com uma relação institucional, na qual alguém se refugia e depois volta ao dia a dia. Tudo vai bem com a amante porque enquanto está com ela não há interferências, mas só perfeição erótica. É o único tempo no qual seja possível o idílio (amor romântico e suave). Muitas pessoas imaginam o namoro como idílio, mas não é verdade. O namoro também é inquietude, tormento. O idílio é possível somente por períodos limitados de tempo, antes da revelação da paixão ou o dilema. Às vezes a amante é escolhida por ambas as pessoas, outras vezes por uma delas e a outra se adapta de má vontade a este papel.

Há relações de amantes que podem durar anos, mesmo toda a vida, sobretudo quando ambos estão casados. Os dois se encontram com certa frequência e no encontro não inserem nenhum elemento quotidiano perturbante. São gentis, interessados somente em dar-se prazer. Agem como dois cúmplices e cada um dá o melhor de si mesmo. O fato de ser confinado ao erotismo deixa esta relação leve, não comprometida. Não há amante sem limite: limite de tempo, na oficialidade, na presença; e não há amante sem que haja um segredo. Quando uma relação se manifesta, muda a natureza, torna-se matrimônio, mesmo que não tenha este nome.

O milagre da relação erótica masculina é o de uma total confiança e abandono dirigido só ao prazer, sem algum dever, compromisso ou coerção. Nisso é exatamente como a amizade. Mas o modo de obter a paz erótica não é o aprofundamento intelectual, a confiança, a revelação, típicas da amizade.

Não se pode pensar no erotismo masculino como revolta. A revolta é própria dos movimentos e, portanto, do namoro. Os namorados não se escondem, não se afastam, seguram-se pela mão. O erotismo feminino tende a abrir-se ao mundo, a caminhar no meio das pessoas. A mulher sonha ter relações sexuais sob um céu estrelado, na praia do mar, na floresta onde a natureza é mais bonita. A mulher se excita caminhando de mãos dadas com seu homem numa praça ou quando vai abraçada numa festa. O homem também, se sua mulher é bonita ou está enamorado. O erotismo masculino se expressa mais em ambientes fechados. Há um componente erótico forte nele que desvaloriza o externo e valoriza o interno. O erotismo é um refúgio em relação ao mundo externo.

Seduzir, para o homem, não quer dizer provocar uma emoção erótica indelével, quer dizer ir para a cama juntos, ter relações sexuais. Isso não significa que ao homem não agrada o jogo da sedução como tal, da sedução sem objetivo, como puro desejo de prazer e de suscitar prazer. Esta necessidade de cortejamento no homem forte se for inibida, faz cair sua capacidade de excitação erótica e entra um sentimento de frustração e depressão. Isso se vê nos grupos de adolescentes masculinos nos quais, quando um deles corteja uma moça, os outros gozam dele. Com o tempo, o rapaz fica inibido, tímido, medroso. Percebe-se, às vezes, nas relações matrimoniais quando a mulher proíbe ao homem olhar as outras mulheres e, se o faz, o agride. O homem sente isso como mutilação da sua liberdade.

Conseguir ter relação sexual, para o homem é o ponto de chegada, a conclusão. Se uma mulher aceita a relação erótica, mas rejeita a sexualidade, ela rejeita o essencial. O afeto, a intimidade, as carícias não lhe bastam.

A mulher vestida, aos olhos do homem, está longe, defendida. A vestimenta sempre tem um duplo sentido: convite e obstáculo. Estas duas forças podem estar diversamente usadas. Em certos casos, a mulher acentuará o convite (se aquele homem lhe agrada e quer atraí-lo). Mas o homem tem grande dificuldade de decifrá-lo. Muitos homens têm medo da beleza feminina; sentem-se atraídos, mas a temem. A mulher que se faz ainda mais bela para agradar pode, portanto, dar ao homem a impressão de ser ainda mais inacessível. Na fantasia erótica masculina a vestimenta, quanto mais elegante, mais refinada, mais preciosa, feminina simboliza uma diferença, uma distância, um obstáculo, uma prova. Seduzir quer inverter esta situação, quer dizer que esta bela desconhecida, a secretária inacessível atrás da escrivaninha, ou vestida de luxo se torna uma amante apaixonada. No fundo, o homem não crê em sua capacidade de sedução. A sedução, para ele, sempre é um milagre. Quando acontece, quando a mulher vestida tira a roupa, é porque ela o decidiu e ele fica admirado e feliz.

O homem quer também suscitar uma emoção irresistível, ser amado, ser desejado totalmente. Também ele procura na mulher uma paixão erótica sem freios. Mas nele tem o desejo de descontinuidade. A mulher deve distanciar-se para que possa novamente encontrar, voltar a ser elegante, 'vestida', distante e reencontrar a 'desconhecida'. A mulher sabe disso.

Para o homem é muito difícil entender se a metamorfose amorosa da mulher é sincera ou simulada, se é fruto do amor ou é artifício de sedução. Mesmo a prostituta, uma vez paga, simula interesse, admiração, excitamento erótico. O fato que beije na bochecha, ao homem não diz nada. Para ele a mulher está eroticamente excitada se elogia seu corpo, se geme de prazer, se lhe faz entender que nunca viu homem tão bonito. A grande prostituta, a cortesã, sabe fazer muito bem isso. Como o homem distingue isso do amor, da paixão?

O outro fato paradoxal é que o homem, quando uma mulher se entrega fácil demais e de forma sôfrega, ele tem a impressão que o faça por cálculo, ou por um motivo: que aja como prostituta. A expressão depreciativa "é uma puta" quer dizer que finge, que engana, que usa a sua sexualidade para objetivos não eróticos. Não esqueçamos que para o homem, o prazer sexual é um fim em si mesmo. Perturba-o a idéia quando é usado para outro fim. Inquieta-o a excitação erótica simulada. Nele a ereção é prova que não pode falsificar.

O homem, em suas fantasias, deseja todas as mulheres, quereria ter relações sexuais com todas. Sente dentro de si um desejo sexual insaciável. Deseja, como na pornografia e na prostituição, mulheres que se oferecem continuamente. Mas na situação real, quando a mulher se oferece com insistência, quando a mulher quer ter relações com ele intensamente, em continuação, o seu interesse cai, e ele se retrai, sente-se impotente. Se a mulher toma verdadeiramente a iniciativa, se deseja uma sexualidade extraordinária, se se comporta como a imagina na pornografia, então é ele que se fecha, que tem medo. O homem acostumado a pedir, quando se inverte o papel, ele não sabe dizer 'não'. Então seu organismo se recusa e não reage. Assim como a frigidez feminina aparece quando falta a sedução por parte do homem, assim a impotência masculina é sinal que falta a sedução por parte da mulher.

De uma relação amorosa, o homem pode recordar com grande nitidez, mesmo alguns momentos eróticos. Para tal coloca entre parênteses a história da relação, as emoções complexas, isola a parte erótica, elabora-a. Como se de um filme de amor aparecessem unicamente as cenas fortes, fora do contexto. O isolamento consente colocar em evidência e recordar somente a parte mais bonita, mais prazerosa, mais triunfal da experiência. O homem tende a esquecer as etapas emotivas mais importantes do desenvolvimento da relação, para recordar com impressionante exatidão alguns momentos particularmente eróticos. A lembrança da mulher, ao contrário, não está confinada somente no ato sexual, mas evoca uma emoção complexa, um evento.

No erotismo atuam duas forças: uma tende à individualização e o indivíduo quer sobreviver; a outra tende à fusão, à decomposição do indivíduo, à sua morte. Esta segunda é a violência. No erotismo agem as duas: o indivíduo quer permanecer ele mesmo, mas quer também fundir-se com o outro. A fusão, no profundo é destruição, violência, morte. Mas isso nem sempre é sustentável. Na *orgia* há excitação coletiva e os indivíduos já não se recordam mais de sua unicidade. Mas no final cada qual retorna ao que era antes. Na excitação coletiva da *multidão* os indivíduos são ainda mais anulados. Na orgia se procuram, se encontram, procuram dar-se prazer. Na multidão estão apenas juntos, e gritando. Suas mentes estão alteradas, perderam a capacidade de julgamento e, na realidade, não pensam mais. Estão regredidos caminhando juntos, ritmicamente e se tornam uma massa.

Sem formação de uma coletividade, sem deveres, sem responsabilidade, sem vínculos que o amor comporta, o erotismo se dissipa todo no ato porque é puro prazer. São duas as raízes do erotismo: uma mais profundamente presente no feminino e outro mais no masculino. A primeira tende a produzir uma comunidade de vida, unidade de amor; a segunda, não tem projeto, recolhe fragmentos. Não é justo estabelecer se uma é superior à outra ou se, no futuro, uma prevalecerá definitivamente sobre a outra. Convém mantê-las distintas.

Por que o estupro é tão traumático? Porque é o lugar no qual a sexualidade masculina como desejo impessoal, descontínuo, irresponsável se desencontra frontalmente com o desejo feminino. O homem não entende a natureza do trauma. Em suas fantasias ele imagina que se dez mulheres o possuíssem, o lançassem por terra e o obrigassem a fazer o que querem, ele não se teria perturbado. O estupro é para o homem uma fantasia erótica positiva, para a mulher é negativa. O homem não entende, sobretudo, porque o estupro possa ser traumático para uma prostituta. Mas as prostitutas se sentem igualmente ofendidas e lesadas no estupro. Também para elas ser tomado contra a sua vontade é intolerável. A prostituta faz qualquer coisa com qualquer um, mas quem o decide é ela. O que faz é por necessidade econômica, mas o ato de entregar-se ao sexo é dela. É um ato motivado, em vista de uma vantagem. É verdadeiramente 'a bolsa ou a vida'. Entregar-se é algo precioso como a bolsa. A mulher estuprada é espoliada de sua liberdade de decidir, de escolher. Se a constringem a entregar-se é porque ela não quer entregar-se. Em suas fantasias o homem se imagina passivo, sempre disposto a entregar-se. A mulher, ao contrário, tem necessidade absoluta de escolher entre o sim e o não. É o direito de não entregar-se, de dizer 'não'. Só um ato de vontade faz com que se abra e se entregue. A ereção é involuntária e não se pode obrigar o homem a tê-la; na mulher entregar-se é um ato de vontade. O estupro é uma *lacera-*

ção da vontade. O desejo, no homem, de poder ir com as mulheres que quer é o equivalente feminino da possibilidade de entregar-se somente ao homem que quer. No caso da vontade, o homem precisa pedir e a mulher escolher.

Ainda tem um segundo motivo: o homem é fisicamente mais forte que a mulher. Por milênios foi caçador e guerreiro. Por isso é mais agressivo, gosta da competição, da luta, dos esportes violentos. A mulher sente-se atraída pelo corpo do homem, de sua força, mas ao mesmo tempo tem medo. Quando o homem agarra com força, com brutalidade, a mulher sente-se em seu poder, sente-se sufocada. Algo desta força continua sempre. Por isso para a mulher é tão importante a **gentileza**. A gentileza do gesto indica a gentileza do ânimo, que não precisa ter medo, que esta força não pode orientar-se para ela. Por isso, a mulher tem tanta necessidade de amor, porque só o amor, sobretudo o amor feito ternura, afasta para sempre o tormento da violência. O grande e forte corpo masculino já não é perigoso e a mulher pode refugiar-se segura. A mulher gosta de ser abraçada, mas deve ser um abraço acolhedor, protetor, amoroso.

O homem, se quiser suscitar o interesse, precisa dissimular o desejo; não pode exhibir seu desejo sexual. A mulher não o quer. O erotismo feminino tem necessidade de passagens suaves, graduais, quase invisíveis. O homem quer tudo e logo; a mulher a gradualidade, seguindo seus tempos, seus ritmos, de forma harmoniosa. A mulher teme a violência do homem. O grande sedutor pode ter um aspecto forte, mas fala de forma amena, segura. Tem a segurança do pai e o conhecimento da mãe. O grande sedutor faz a mulher sentir-se como se sente diante do espelho, quando se admira, quando se descobre, quando fantasia. Aquele homem sem esta visão é tímido, pouco jeito; a mulher sente sua necessidade como ameaça, com medo. Porque ela tem medo do tímido, pois ele é portador de uma necessidade explosiva, incapaz de se tornar necessidade do outro; é uma necessidade nua, violenta.

O erotismo é uma fantasia de identificação com as partes eróticas do corpo. Tem necessidade de falar, de ilustrar, de mostrar o que está fechado. A pornografia é obscena porque faz isso de forma errada e no momento errado, como o mal educado. O sedutor deixa boa impressão na mulher. Mas a maioria dos homens, uma vez satisfeito seu desejo, destroem o encantamento e a mulher acorda sozinha e fica com raiva de si mesma porque se deixou envolver com quem não a merecia.

Para o homem, a relação sexual permanece uma coisa importante e tem necessidade. Nenhum tipo de ternura, carinho, pode substituí-la e diminuir sua vontade. Ao homem, renunciar totalmente ao sexo é muitas vezes tão difícil quanto renunciar a comer ou a beber. As dificuldades encontradas pelos ascetas e pelos anacoretas cristãos não vinham da fome e da sede, mas das fantasias eróticas contínuas, obsessivas. A castidade, mesmo temporária, para o homem é muito difícil e é por isso que foi imposta como bárbaro meio da castração. A mulher não tem este tipo de necessidade. Se não encontra o homem que lhe agrada, prefere não ter relações sexuais, mesmo por meses ou por anos. Kinsey diz que as mulheres casam porque querem uma longa e estável relação afetiva com uma pessoa, querem uma casa, filhos, bem-estar material e segurança. Aos homens também interessa isso, mas poucos estariam dispostos a casar se não pudessem ter relações sexuais. A experiência sexual, no homem, é importante mesmo que se trate de uma relação ocasional, mesmo com uma prostituta. A prostituta satisfaz certas fantasias eróticas do homem. Por isso, a experiência com ela tem algum significado. Mesmo casados, há homens que vão às casas de prostituição. O

encontro erótico puro, sem responsabilidade e sem conseqüências, com uma mulher nova, diferente, continua a ter um significado para o imaginário masculino.

O encontro amoroso, se for emocionante, acompanhado da revelação da beleza feminina, produz nele um sentimento de gratidão, de simpatia. Isto é que fica na memória e na fantasia do homem. A intimidade, a fusão, a aliança, o momento em que a viu é fonte de alegria e beleza. Não a beleza de um vestido em si, mas a beleza do corpo que endossa o vestido, o perfume, o gesto de convite, o abraço, o sorriso...

No homem a paixão por uma mulher se apaga e se expressa por desinteresse; na mulher, como rejeição. A mulher que se afastou de um homem deseja não vê-lo mais em casa, não suporta que ele fale; o homem, na mesma situação, limita-se a ignorá-la. Se ela não se intromete em sua vida, mantém relação amigável. Se uma mulher se enamora de outro homem, não suporta mais o primeiro, quer fazê-lo sofrer, porque a seus olhos é culpável de tê-la enganado. Procura eliminar os traços do passado, pois para ela é importante a continuidade da relação.

O verdadeiro erotismo é possível somente quando ambos procuram compreender o outro, colocar-se em seu lugar, a fazer próprias as fantasias do outro. Por isso, no Ocidente, o erotismo começa agora. Até bem pouco ambos os sexos tinham papéis diferentes e rígidos. A mudança veio primeiro no plano econômico. Conseqüentemente, aumentou a instrução feminina, diminuiu a natalidade, cresceu a automação doméstica. A revolta explodiu, primeiro, entre os adolescentes, que derrubaram as divisões de papel tradicional, as separações, mesmo físicas entre homens e mulheres. Os adolescentes se reuniram em grandes movimentos e festas coletivas, encontraram ídolos e mitos comuns. Depois apareceu o feminismo que colocou em discussão radical os papéis masculinos e femininos em seu conjunto. Desde então, ambos os sexos começaram a estudar e a se conhecer. Inicialmente cada um tentou impor seu modelo ao outro. As feministas convidaram o homem a ficar como a mulher; mas, ao mesmo tempo, elas mesmas adotaram modelos masculinos.

PROMISCUIDADE

Inúmeras vezes, ao longo da história, apareceu o tema da promiscuidade. Como promiscuidade originária, antecedente à organização social e familiar, ou como promiscuidade utópica, superação definitiva da exclusividade e da possessividade de uma única pessoa. Nos anos Setenta, a promiscuidade foi o ideal mais ou menos manifesto da revolução sexual. A promiscuidade é um desenvolvimento, um excesso do desejo masculino de ter relações sexuais com muitas mulheres e sem complicação sentimental. A promiscuidade é sempre um produto coletivo, a manifestação de uma prevalência da comunidade sobre o indivíduo e o casal.

Isso se vê claramente na **orgia**. Na orgia os laços de amor e de exclusividade interpessoal são temporariamente abolidos. Todos estão à disposição de todos. Cessa a possibilidade de expressar uma preferência erótica, uma rejeição. Se cada qual pode obter o 'sim' de todos deve também dizer 'sim' sempre. Só assim se pode realizar o comunismo erótico: "cada qual dá segundo suas possibilidades e recebe segundo suas necessidades". A orgia é possível unicamente porque são suspensas temporariamente todas as nossas preferências, nossos afetos, nossas invejas e nosso desgosto.

No mundo do erotismo existe também o negativo, a repugnância. Repugnância por uma pessoa que vemos pela primeira vez ou por uma pessoa que conhecemos. O fim da atração erótica se apresenta como repugnância. Ela também se amplia como a atração. Não é bem como a amizade-inimizade. Pode-se escrever um livro sobre amizade sem falar da inimizade; mas não se pode escrever um livro sobre o erotismo sem falar, descrever a repugnância. Na orgia a repugnância é apagada.

A orgia está intimamente aparentada à **festa**. Uma instituição na qual estão suspensas as regras da vida quotidiana e se realiza um estado de excitação coletivo. Mas, com um início e um fim fixados, com um ritual de ingresso e um ritual de saída. Também a orgia, em geral, se desenvolve no interior de uma festa. Das grandes festas rituais, sobrevivem o Carnaval do Rio, a Oktoberfest de Munique. Mas também nas festas privadas, a orgia é mais vezes prevista antecipadamente, e tem um início e um fim. Houve sempre, na história, movimentos religiosos ou políticos que conferiram um significado especial ao estado orgiástico. Nos movimentos e nos cultos dionisíacos a orgia assumia o significado de fusão dos crentes com o deus. Situações de promiscuidade entusiástica e orgiástica apareceram em muitos outros movimentos. Explica-se pelo fato que todos os movimentos em sua fase inicial, no *estado nascente*, geram um forte impulso à fusão, à fraternidade, ao comunismo, colocando bens em comum. Em alguns, o imperativo comunístico é estendido à sexualidade. A orgia, então, se torna o momento ritual que simboliza esta colocação em comum também dos corpos, este anulamento do indivíduo, com os seus confins e seus egoísmos.

A promiscuidade orgiástica deve ser considerada uma manifestação das fantasias eróticas masculinas, a tentativa de realizar um excesso de sexo sem amor? Não. A tendência a entrar no *estado nascente* dos movimentos não tem nada a ver com a masculinidade ou feminilidade. Também os fenômenos coletivos mais superficiais como transe e a tendência à fusão de grupo são propriedades gerais do sistema nervoso central humano e não apenas de um sexo. A situação orgiástica é uma forma particular de erotismo, com ambos os sexos e que se realiza somente quando o grupo anula a separação dos indivíduos.

É muito importante distinguir *estado nascente* dos movimentos de fenômenos mais superficiais como a *multidão*, a *festa* e o *transe*.

O *estado nascente* é uma profunda mutação interior dos indivíduos. Os indivíduos sofrem uma conversão e confluem num grupo social dotado de uma altíssima solidariedade. Todos os membros vivem uma fraternidade, igualdade, unanimidade; amam-se verdadeiramente. Por isso, em certas circunstâncias, dão pouca importância a laços de amizade ou de casamento. Não é que os desprezam, mas a tendência é dar mais importância aos objetivos do grupo. Esperam-se eventos extraordinários coletivos. Dois namorados, no estado nascente do grupo entram como unidade. Quem entra separado é dominado pelo eros difuso do grupo, do entusiasmo. De *per se* esta experiência não se traduz em atos eróticos. Mas pode acontecer sob certa pressão ideológica e são levados até à fusão físico-erótica.

Em relação ao estado nascente, a *multidão*, a *orgia* e o *transe* são muito mais superficiais. Para desencadelá-las não é necessária uma mudança interior, uma escolha irreparável. Basta um grupo acolhedor, um ambiente adaptado, uma esfera social excitada e o exemplo. Qualquer pessoa, inserida num grupo de forma apropriada, tem alta probabilidade de deixar-se envolver pela excitação erótica coletiva.

Entre *estado nascente* de um lado e *multidão, festa, transe* de outro há uma relação sociológica precisa. Somente o primeiro funda o movimento, cria a energia para constituir a comunidade utópica. Mas o estado nascente é um fenômeno passageiro. Num determinado momento vira instituição, define suas regras e seus rituais. E por isso, depois, vêm sendo favorecidos os estados de excitação coletiva artificiais, as festas, os rituais, as danças, os estados de transe. Servem para atrair o público novo e conservar nos antigos fiéis a impressão de uma continuação do estado nascente, de uma perene revitalização do tempo divino das origens. Aos poucos o impulso revolucionário do estado nascente se apaga e fica a prática do encontro erótico privado de energia criativa, reduzido a espetáculo, ou mesmo, à prostituição.

Também as mulheres participam destes processos coletivos e o fazem, em geral, com um componente erótico muito elevado. Tem pouca importância se o movimento é político, religioso ou cultural. Participar, para a mulher, significa também sentir, entrar em contato, amar, viver eroticamente. É esta a razão pela qual ainda hoje, nos movimentos coletivos, encontramos chefes carismáticos – políticos, gurus, intelectuais – circundados por um harém potencial de mulheres fascinadas e eroticamente disponíveis. Em alguns casos, o chefe e seus assessores diretos monopolizam todas as mulheres da comunidade. Já se falou anteriormente que há dois tipos de erotismo feminino: um individual e outro coletivo. No primeiro, a mulher procura o amor de um homem só, é monógama e, em geral, possessiva e ciumenta. No outro caso, ela se abandona ao grupo que a puxa para o centro, portanto, para a união física e mística com o chefe. Está disposta a fazer parte do harém, a dividir o amor do chefe com outras mulheres, uma vez que lhe pode estar próxima.

Na situação coletiva, o homem continua a desejar numerosas mulheres, a mulher um único homem. Mesmo que aceite outras mulheres do chefe, a sua tendência é de aproximar-se o mais possível, até excluir as outras e ficar a única. Em cada harém sempre há uma forte competição entre as mulheres em monopolizar os favores do marido. Por que, no casal, a mulher é tão possessiva? Por que, se o seu amante ou marido tem relações com uma outra ela se divorcia? Por que não aceita numa serena bigamia? Por que esta mulher ciumenta aceita, depois, fazer parte de um harém e não sente mais nenhum ciúme? A explicação pode ser encontrada unicamente tendo em conta que a plena satisfação emotiva e erótica pode ser realizada tanto em nível de casal quanto a nível coletivo. Casal e comunidade são duas coletivas auto-suficientes. O casal é completo somente se ambos participam ativamente. Se um se vai, desaparece. No casal nenhum indivíduo é substituível, dispensável. É esta a razão da monogamia.

Nas comunidades utópicas a identidade coletiva não se perde quando sai um membro. O grupo, a comunidade, têm uma existência para além do indivíduo. Quem se identifica com ele não tem mais necessidade de nenhum indivíduo em particular, com uma única exceção: o chefe. Porque o chefe é o símbolo da comunidade, da sua unidade e da sua permanência. Ele é simultaneamente individual e coletivo. Na união com ele todo outro relacionamento é visto como não essencial.

No casal não tem centro, não tem chefe. Os dois indivíduos estão à mercê da vontade do outro. Se a mulher quer *união mística* com a coletividade, quando está no casal deve querê-la com aquele único homem, e tem necessidade de sua constante presença. A mulher quer ser parte de um todo e o todo, no casal, com aquele único indivíduo. Numa seita, num movimento, numa fé, numa experiência coletiva, artística, teatral,

religiosa, política... então a mulher quer fundir-se com o centro, portanto, com o chefe, inclusive fisicamente. E se no centro tem uma mulher, sentirá atração erótica por ela, com o corpo, com o seio, com a pele. Dioniso não é somente masculino.

A mulher aceita a poligamia e a promiscuidade na condição que aconteça numa comunidade onde tem um grau elevado de fusão, de entusiasmo, de participação. A fusão com o centro fascina-a irresistivelmente.

No âmbito dos fenômenos coletivos podemos encontrar a explicação pelo fascínio de Dom João. Dom João é um homem ao qual as mulheres não sabem resistir. Não devemos confundir Dom João com o Grande Sedutor. Este conhece a arte de conquistar as mulheres, sabe como seduzir. Dom João conquista todas, mesmo não fazendo nada, as atrai com sua presença. No mundo moderno, o equivalente de dom João é o Playboy, o homem rico, famoso, fascinante que passa seu tempo conquistando mulheres e as mulheres o procuram, atraídas por ele como o besouro procura a luz.

Há um tipo de promiscuidade que não se realiza na orgia, na indistinção dos corpos. Consiste na rejeição de um único objeto de amor, na facilidade de passar de um ao outro, em ter relações sexuais com mais pessoas. Este tipo de promiscuidade sexual está mais ligado ao sexo masculino. Encontramo-lo bastante entre os homossexuais masculinos. Nas lésbicas, os afetos são muito mais estáveis e tem maior possessividade e exclusividade. Na época moderna os homossexuais masculinos constituem uma comunidade na qual se entra por revelação e por iniciação. No mundo gay o sexo vem antes do amor. A estrutura da vida gay exige colocar de lado o romantismo, requer freqüentar certos bares, fazer experiências eróticas quase impessoais. O aluno precisa primeiro reconhecer em si a vocação, o “chamado” homossexual. Depois quando já está seguro, deve entrar na vida gay aceitando as regras de promiscuidade. Somente no final poderá realizar também uma experiência de amor individual, romântico.

O movimento lésbico também é forte. Uma parte do feminismo se tornou movimento lésbico. Mas aqui o comunismo utópico não se realizou na promiscuidade sexual orgásmica, de tipo masculino, porque o erotismo feminino é diferente e não se coloca em comum aquilo que não se deseja. A irmandade lésbica se desenvolveu mais na forma de intimidade amorosa de pequenos grupos e de valorização da própria extraordinariedade e exemplaridade. Como disse uma mulher de uma comunidade lésbica: *“A ternura, a atenção que cada uma dedica às outras pode substituir uma relação amorosa. Tem-se a impressão que os nossos sentimentos e as nossas sensações se fundam umas nas outras. É por isso difícil traçar uma fronteira entre o que pertence à amizade e o que pertence ao sexo, ao corpo. Temos entre nós uma ternura corporal... Esta ternura permitiu-me viver por quatro anos sem ter uma relação de amor com uma mulher. Não sofria. Era uma doçura continuamente presente”*. Quando tem uma líder não se constitui uma estrutura de harém, mas somente um primado afetivo, materno da líder sobre as outras mulheres. Enquanto o líder masculino tem prazer pelo fato de ser somente ele a ter relações sexuais com muitas mulheres, a líder feminina não.

Nas grandes cidades se formou, nestes anos, outra forma de promiscuidade heterossexual, constituída por indivíduos, homens ou mulheres que vivem sozinhos, com uma profissão, às vezes tendo um passado de numerosos divórcios. Eles têm seus lugares de encontro, bares, discotecas onde, como os gay, estão certos de encontrar outra pessoa livre como eles.

A sociedade americana, com o passar do tempo, sempre ficou mais voluntarista. O *voluntarismo* não é uma filosofia, é um modo de pensar, um princípio lógico que encontramos em quase todos os produtos da cultura estadunidense. O voluntarismo parte do pressuposto que as pessoas podem sempre definir claramente o que desejam. Por isso, o problema é apenas aquele de como consegui-lo. No voluntarismo o fim não é um problema, somente um meio.

A ideia central do voluntarismo provém da economia capitalista, no qual o fim é maximizar o proveito. Outro fim não pode ser levado em consideração. Vale a regra do custo-benefício. Isso é possível porque existe uma medida comum de valor: o dinheiro. A sociedade americana aplicou este tipo de categorias econômicas a todos os âmbitos vitais. Seu imperativo categórico que está por trás de toda ação, pensamento, escolha é: fixe o fim, estabeleça o que queres. Uma vez escolhido o fim predisponha os meios organizativos, técnicos, financeiros mais adequados para alcançá-lo.

Apliquemo-lo ao princípio da homossexualidade: O que desejam os homossexuais? Ter relações sexuais com outros homossexuais. Então reúnem-se entre si, vão viver no mesmo bairro e assim poderão ter relações até que tem vontade. O que desejam os casais? Não se sentirem ameaçados pelos divorciados. E os deixam fora, portanto, de seus ambientes e não os convidam para suas festas.

Cada eu está dividido, é o produto de tantas promessas, cada uma incompatível com outras em suas conseqüências. Permanecer fiel a uma promessa com toda a intensidade do momento de prometer implica uma mutilação da existência, uma absorção enorme de energias, uma vigilância contínua. Prometer é empenhar o futuro, subordiná-lo a uma exigência que deve ser reconstruída continuamente. Ter um filho é uma promessa. Toda a cadeia de conseqüências, de empenhos se revela ao logo de seu crescimento. Também viver juntos é uma promessa, porque leva a assumir as relações da outra pessoa como deveres. Elas se desvelam pouco a pouco, como também suas necessidades, seus desejos, tudo o que será e quererá.

Os deveres de hoje são o resultado do que foi quisto no passado, e o mesmo acontece com boa parte dos prazeres. Procuramos prazer nas coisas que fazemos. O erotismo feminino, o erotismo do amor, não pode aceitar a promessa como força vinculante e tende a rebelar-se da memória social. O erotismo feminino é novidade, revelação e mistério.

O que impulsionava 'ontem' uma pessoa que tinha marido ou mulher, ou filhos a procurar uma relação fora, quando a coisa comportava um risco gravíssimo? O adultério era um pecado mortal ou vinha punido com a morte. Até a descoberta de antibióticos, a sífilis e a gonorréia eram enfermidades terríveis. Hoje o medo está na AIDS. Por que, não obstante perigos tão graves, as pessoas – homens e mulheres – procuram encontros eróticos? Imaginamos que na base esteja um motivo grave, uma profunda insatisfação do matrimônio, ou um grande amor apaixonado. Mas isso não é verdade. Não é o amor louco ou heróico que faz agir, não é o desespero, é um motivo mais fútil, *um prazer mais leve*, alguma coisa insignificante. Este impulso misterioso fez Freud colocar a sexualidade na base de todas as coisas. Porque lhe parecia a força mais dificilmente disciplinável, canalizável, dominável uma vez por todas. Não porque tem motivações mais elevadas, mas porque não tem motivações. A sexualidade, no animal, é uma força previsível, cotidiana. Somente no ser humano, tornada erotismo, se transforma em potência inquietante que desafia o risco. Somente no ser humano se torna sem medi-

da porque é alimentada por uma inexaurível fantasia. Todos desejamos uma vida intensa, grandes alegrias e grandes desejos, novos encontros, ver novos países. O que nos caracteriza como seres humanos é a contínua tendência a transcender-nos. Nossos fins não são nos dados como nos animais, mas se vão revelando. Conhecer é conhecer os nossos fins. A busca dos fins é ainda a nossa natureza mais profunda. Não é a sexualidade a causa da inquietação da natureza humana; ela é apenas o terreno no qual se manifesta esta inquietude transcendente. O divino ou o demoníaco, irrompendo na sexualidade, transformam-na em erotismo porque fazem entrever o maravilhoso, o extraordinário, o emocionante, o sublime. A inquietude do erotismo é a inquietude do conhecer. A verdade é sempre o não sabido, o que não era notado antes, não dito, ou seja, o mais propriamente pessoal, nosso, unicamente nosso. A verdade é sempre uma descoberta personalíssima. Ela é pessoal. Também a vontade é pessoal. O erotismo mais intenso deve ter uma ligação estreita com a pessoa.

Só a relação individual é capaz de produzir a identificação dos outros indivíduos, consegue fazer objetos eróticos. No erotismo sempre haverá dialética profunda entre pluralidade e unidade, entre promiscuidade e unicidade. A unicidade reclama o múltiplo, tem necessidade dele para enriquecer-se. Se se tornar repetição, hábito, dever, disciplina... o erotismo morre, se transforma em enfado, desgosto.

Na pessoa amada estão concentradas todas as pessoas do mundo. Todas as lembranças, todas as impressões, mesmo fugazes, daquilo que temos desejado no passado. Nosso amado é a síntese de todos os encontros, de todas as fotografias, de todos os sonhos, de todos os amantes, de todos os desejos, de todas as mulheres e de todos os homens com os quais podemos indentificar-nos. Nenhum tempo poderá exaurir esta riqueza.

OBJETOS DE AMOR

Nas mulheres, o erotismo está fundido com o amor. Desde a intenção da sedução, mesmo nos movimentos coletivos como amor pelo chefe. No homem pode haver excitação erótica sem sentir a necessidade de um envolvimento amoroso. Mas sabemos que também os homens sabem amar, sabem enamorar-se. Neste caso desejam esta proximidade, esta ternura, esta continuidade. Também o homem tem necessidade de amor, de estabilidade afetiva. No homem o desejo sexual se separa do amor somente se tem grande segurança emotiva em outras esferas. A imagem de um homem duro, frio, absorvido no trabalho e insaciável de sexo é uma simples fantasia, sem nenhum suporte na realidade. A diferença entre erotismo feminino e masculino é que a mulher sente prazer sexual somente se lhe agrada aquele homem em sua totalidade, e se o ama com paixão.

Mas, quais são os mecanismos que nos ligam estavelmente a uma outra pessoa? O que nos leva a sentir afeto, amor, a querer bem de forma duradoura a uma outra pessoa. Olhando desta forma pode-se ver logo que o namoro não é o único caminho que leva ao amor. Se quisermos respeitar o significado das palavras, não podemos dizer que “estamos enamorados” de nosso pai ou de nossa mãe. Podemos dizer que ‘estamos enamorados’ para sublinhar o aspecto passional de nosso amor. Nosso amor já existia quando ainda mamávamos, quando éramos crianças e adolescentes. Mas sempre bem diferente da etapa anterior. Queremos bem, amamos os irmãos ou as irmãs, mas não estamos enamorados deles. Nem a mãe se enamorou de seu filhinho. Como se seu

amor já preexistisse e esperasse uma voz que lhe diz: “o teu filhinho é aquele” para debruçar-se sobre ele. O namoro acontece em nossa mente e em nosso coração às custas de esforço. Aparece e desaparece. É incerto, e requer contínua e obsessivamente: “Eu o amo? Ele me ama?”

Também o amor da amizade é diferente. Estabelece-se pouco a pouco, através dos *encontros* nos quais sentimos que o outro, com sua experiência vital, nos enriquece e nos ajuda a nos sentirmos nós mesmos. O amigo nos dá confiança, mas não precisamos estar sempre com ele. Sabemos que existe, que está do outro lado, que está sempre pronto a ajudar. O tempo e a distância não contam.

Pai, mãe, irmãos, irmãs, amigos, filhos, marido, mulher, amante, todos estes são nossos objetos estáveis de amor. Sobre eles fizemos grandes investimentos afetivos. Mas os mecanismos não são os mesmos. Especialmente três: 1) Fundado na satisfação de nossas necessidades e desejos, no prazer e desprazer que a relação com outra pessoa nos provoca. Se uma pessoa nos provoca prazer, especialmente prazer erótico, temos a tendência de voltar a ela, a estar mais tempo com ela e depois voltar novamente. O prazer reforça os laços, a frustração os enfraquece. Este mecanismo está na base dos reflexos condicionados, da aprendizagem. 2) A importância das pessoas nos aparece claramente somente de vez em quando. Sobretudo quando há ameaça externa ou quando devemos escolher entre duas alternativas, quando corremos o risco de uma *perda*. 3) O *estado nascente*, típico do enamoramento.

Mecanismo fundado no prazer.

É aquele intuitivamente mais fácil, o mais lógico, o mais racional. Em síntese: nós nos apegamos às pessoas que nos tratam bem, que nos dão alegria, ao passo que evitamos, ou mesmo odiamos, aquelas que nos tratam mal. A relação primeira da criança com sua mãe é deste tipo, já antes de nascer; depois de nascer porque a mãe interpreta suas necessidades e as satisfaz. As grandes satisfações, os prazeres intensos nos ligam às pessoas que no-las proporcionaram. Desta forma a libido narcisística se transforma em libido objetual. O eu é como uma ameba que expulsa seus tentáculos e os fixa onde encontra alimento e prazer. O prazer sexual é o mais forte dos prazeres. Isso porque é a condição de criar laços mais fortes. Se alguém nos dá grande prazer erótico procuraremos encontrá-lo novamente. Toda experiência positiva, todo êxtase alcançado, reforça nossa necessidade do outro. Se a experiência de prazer renovado é bilateral, entre duas pessoas se estabelecerá um laço duradouro, capaz de resistir também a graves frustrações. Uma vez que o ser humano é racional ele é capaz de procurar ativamente quem lhe dá prazer e comportar-se de acordo, ou seja, evitando todas as situações desagradáveis, procurando um encontro perfeito.

Graças à inteligência e à aprendizagem, o amor bilateral pode ser obtido através do erotismo e a recíproca satisfação. A arte erótica coloca-se, assim, a serviço da arte de amar.

A pessoa que encontra em outra grande prazer erótico procurará encontrá-la e reencontrá-la. Toda experiência positiva reforça a relação, mas nem sempre. Pode cansar. Isso acontece em ambos os sexos, mas nos homens o fenômeno é muito mais frequente. A vida quotidiana, a erotização do tempo que agrada tanto à mulher, sobre o homem tem, muitas vezes, um efeito que deprime o erotismo. Quando duas pessoas dizem que só se encontram na cama e para relações sexuais, significa que seu relacionamento está para terminar. Nisso se vê a grande diferença entre erotismo (masculi-

no) e amizade. Também a amizade se estabelece através de encontros. Na amizade, o encontro sempre é uma revelação, a descoberta de algo de si e do mundo através do outro. Cada encontro deixa um depósito de simpatia, de confiança, de afeto. Na amizade não julgamos o encontro. A amizade é a soma dos encontros positivos. Ao passo que no erotismo (masculino) os encontros são julgados independentemente, valorizados esquecendo o passado. Se houver grande amor, então sim, as decepções não contam.

O cão reage ao mesmo estímulo, à mesma carne; o homem não. O mesmo estímulo, num determinado momento vira hábito, costume. Na espécie humana todos os estímulos funcionam como estímulos condicionados, têm necessidade de um reforço. O prazer não pode ser uma repetição do prazer do passado. A repetição do passado é somente enfado. A vida tem horror à repetição. Não é possível um laço amoroso se não tem alguma forma de futuro. O futuro mais simples é o *mais*. Mais do ontem, mais do que tínhamos imaginado uma hora atrás. O *mais* quer dizer para além, movimento, crescimento. Então, o encontro se torna revelação. Aconteceu algo inesperado, algo melhor. Os homens, para manter vivo o encontro, recorrem a fantasias eróticas. Imaginam estar com outra mulher de seu passado, da qual recordam um gesto, uma palavra, uma imagem. A mulher dificilmente tem numerosos encontros eróticos felizes com um homem, para lembrar-se do que não gosta mais. Na mulher cada encontro está ligado ao passado. Ele leva em consideração a experiência passada. Se a relação continua é porque cada encontro se integra naqueles do passado.

Aqueles que para o homem são encontros eróticos descontínuos, um independente de outro, na mulher são etapas, em cada uma delas solicita ao homem superar uma prova, um umbral. No homem o *mais* é algo que se manifesta como estupor de ter encontrado algo que não esperava. Na mulher aquele *mais* é somente o que concedeu a si mesma.

O laço amoroso nasce, portanto, em ambos os sexos, de um erotismo feito de revelação, desvelamento, descoberta, ativação de potencialidades latentes, não utilizadas. No homem, como maravilha. O erotismo masculino grita que é belíssimo, que a experiência é extraordinária, grita de prazer, louva, exalta a outra e a si mesmo. Aquele feminino é mais envolvido de valorizações, de esperas, de preparação, de aproximações lentas, de conhecimento, de abertura, de descoberta.

Mecanismo fundado na perda.

Este mecanismo não nasce de uma experiência erótica. Intervém no erotismo porque é um fator fundamental na edificação e na escolha de nossos objetos de amor. Muitas vezes não sabemos bem o que nos interessa de fato, o que tem valor, o que é essencial. Há diferença entre desejar e sentir a necessidade de alguma coisa, entre ter necessidade e não poder deixar de ter. Mas há momentos nos quais sabemos – somos forçados a entender – que uma certa pessoa é para nós essencial. Porque, sem ela, também todas as outras coisas perdem valor. *Essencial* é aquilo que dá valor às outras coisas. Essencial é o fim último, aquele em relação ao qual o resto deve estar subordinado, tornar-se meio. A soma de prazeres e de dores nos diz o que é comparativamente melhor e o que é pior. O fim último é algo de absoluto. Por exemplo: uma criança está junto com um grupo de passeio. Ela desaparece. Então ela entra no centro do grupo. Antes despercebida, agora todos os programas são suspensos e ela vira o centro de

todo o grupo. Aquilo que se mostra na situação de perda se refere a algo vivido antes. Amamos estavelmente o que preservamos da perda colocando-o como fim último.

Tendo isso presente, voltemos às duas formas de erotismo – masculino e feminino. De um lado, o desejo de continuidade, de proximidade, de intimidade, a necessidade de sentir-se sempre procurada, amada, desejada. O prazer de estar abraçado, de viver junto, de respirar junto. Por outro lado, o descontínuo, que tem necessidade de intervalos de tempo, de diversidade, com vínculos de amor, mas livre de romper os vínculos feitos pouco tempo atrás. O que sucede se uma pessoa do primeiro tipo encontra uma do segundo? Viverá a interrupção, o distanciamento, como perda, como ameaça, de perda. Não é necessário pensar que a pessoa esteja enamorada. Basta sua forma específica de desejo. Depois de longo abraço sensual, depois o desejo, o êxtase, o outro se levanta, se afasta. Isso já basta para provocar um sentimento de perda e fazer-se a pergunta: Convém ou não convém entretê-lo?

O mecanismo da perda opera também espontaneamente, quando o outro vai embora de fato. Uma mulher pode dar-se conta que ama seu marido somente quando ele diz que gosta de outra. Ela faz de tudo para não perdê-lo, podendo durar toda a vida este processo. O temor da perda, contrariamente ao que se pensa, não revela um sentimento preexistente, faz surgir novo sentimento. Seu aparecimento pode ser muito imprevisto e violento dando a impressão de um verdadeiro namoro, mas não é. Está presente muito ciúme. Mas também os homens sentem ciúme, mas imaginam não ter. Em suas fantasias eróticas não tem necessidade de ciúme. Nas fantasias eróticas femininas, o ciúme está quase sempre presente. A simples ausência não produz ciúme. Em ambos os sexos é importante a pregustação do encontro; não a incerteza, a dúvida, mas o que de fato virá. Até pode ser que em alguns casos a pregustação é mais agradável do que o encontro. A vida erótica pode ser constituída em grande parte por fantasias agradáveis. Antes do encontro por dias, semanas ou meses. E depois do encontro também. Em alguns casos logo após o encontro, à tarde, na manhã seguinte. Revisar e sentir prazer.

No homem, a pregustação pode produzir um estado de excitação continuado que termina somente com o orgasmo. Na mulher, o encontro erótico tende a inserir-se em uma tensão contínua, cuja espera é um momento. O erótico é inseparável da sua preparação e do que segue. A existência da pregustação explica o prazer da espera e da preparação. As mulheres foram mais acostumadas a esperar e também se preparar. Ela precisa mais tempo para escolher o vestido. O homem muitas vezes não entende isso.

Se uma pessoa amada parte, emigra ou morre, sentimos muito sua falta, pensamos nela, choramos... mas isso não é ciúme. Para que haja ciúme requer-se a presença de uma terceira pessoa, requer-se uma preferência de nosso amado por esta terceira pessoa. O amor erótico é sempre uma escolha: de nós como indivíduos, como indivíduos no meio da massa anônima dos outros. Até a prostituta parece interessada na pessoa enquanto se entretém com ela. A necessidade de ser escolhido, preferido, ter toda atenção, mesmo por pouco tempo, não é típica do amor erótico (assim, como procuramos o médico, o advogado...). No amor erótico queremos que esse interesse não seja profissional, não seja produto de um dever, mas nasça de uma escolha pessoal feita livremente sem considerar obrigações sociais em relação a nós. No profundo de cada ser humano existe a necessidade de ser preferido. Isso se vê no ciúme dos animais e das crianças. A criança custa em aceitar que a mãe cuide do irmãozinho. Sente

necessidade que a mãe de quando em quando olhe para ela, o trate às vezes como se fosse o único filho. Cada criança espera ser a predileta. Cada mãe ama de modo total cada filho e cada qual é igualmente importante para ela. Em cada filho ama uma identidade individual, específica, inconfundível. O ciúme parece na vida como competição com outro para apossar-se de forma exclusiva do amor de alguém, ou para não perder a exclusividade. Estamos, portanto, no âmbito da situação de perda. Temos medo que a pessoa amada aceite mais a outra pessoa do que a nós. O ciúme em relação ao rival é a forma mais simples, primordial de ciúme. O ciúme em relação à pessoa amada aparece mais tarde, quando queremos ser amados de forma livre, preferidos de forma livre.

Assim, ela se torna ambivalência. O sofrimento do ciúme é o sofrimento típico da ambivalência. No namoro bilateral e profundo tem pouco espaço para o ciúme, porque tem pouco espaço para a ambivalência. O namoro funda-se numa espécie de cisão da experiência. De um lado o existente, as coisas como são, banais ou mesquinhas, de outro, nosso amor, grande e perfeito. O ciúme não pode entrar nesta perfeição.

Precisamos ser continuamente reconhecidos para ter boa estima de nós mesmos; por isso temos muita necessidade de reconhecimento por parte de quem amamos, de quem tem um valor. O ciúme é uma desvalorização de si. O ciúme, no namoro, aparece somente quando entra em crise a certeza do amor.

Muitas vezes se confunde ciúme com inveja, mesmo que a estrutura elementar da inveja seja muito diferente. Na mulher, o ciúme está ligado ao desejo do homem. Enquanto percebe que o desejo do homem é intenso, exclusivo, não é ciúme, pode ter apenas suspeita. Pode pensar que o homem teria uma aventura privada de valor. Mas quando intui, pelos gestos, pelo calor do abraço, pela intensidade do ato erótico, que o desejo já não é como antes, então começa, em silêncio, a ficar ciumenta. Ela imagina que o homem tenha um desejo erótico constante, imutável. Se perceber que este desejo diminui, então, instintivamente pensa que ele se voltou a outro objeto, que entrou em cena outra mulher. Ela se sente em perigo e, instintivamente, reage fazendo-se mais bela, mais gentil, sedutora. Se o perigo aumenta, a mulher sabe lutar de forma selvagem. Está pronta para tudo, desencadeia o seu erotismo sem freios, sem pudor, renuncia também à sua dignidade. Mas desencadeia também mecanismos de destruição de outros e de si, o desejo de vingança, até a renúncia, até desistir.

O namoro é algo que acontece no indivíduo, é uma mudança do estado do indivíduo. Podemos, até, estar enamorado de uma pessoa que nunca nos deu uma olhada. O namoro é a solução individual de um problema social insolúvel. É a resposta criativa individual quando toda outra solução falhou. Precisamos, por isso, duvidar daquelas pessoas que seguem uma ordem fixa: primeiro litiga, depois divorcia e depois, logo depois, se enamora. Este é um esquema social, uma regra. O namoro, na verdade, é um fato criativo que subverte as regras, encontra a solução onde nunca procurou. Ele é sempre inesperado, aparece por revelação.

Mas qual é o problema do qual o namoro é a solução? Assim: como seres humanos, desde a infância, temos necessidade de objetos absolutos e totais de amor. A mãe, Deus, a Pátria, são exemplos de tais entidades. Há em nós uma tendência a unir-nos com alguma coisa que nos transcende totalmente. Os religiosos dizem que é o desejo de Deus; os psicanalistas dizem ser a lembrança da experiência da vida no líquido amniótico; os biólogos que é o impulso da evolução. Não importa. Permanece a tendência

a transcender o existente e a procurar o paraíso, a terra prometida, Deus, a beatitude beatificante. Mas, todos os objetos concretos de amor são limitados, e às vezes, se tornam opressores e frustrantes. Quanto mais importantes são para nós, maior a possibilidade de iludir-nos. Se algo nos interessa pouco, nos faz também pouco mal; mas se é essencial para nós, uma simples desatenção nos fere. Dali a *ambivalência*. Inevitavelmente acabamos tendo sentimentos agressivos para com a pessoa que mais amamos. Procuramos diminuí-la idealizando os nossos objetos de amor, assumimos sobre nós a culpa ou a atribuímos a causas externas. O marido sente culpa se sua mulher está triste. A mulher procura justificar com o cansaço, o trabalho, as preocupações... o mau humor do marido. Esta culpa assumida provoca *depressão*. Aqueles onde descarregamos a responsabilidade são os *persecutórios*.

Nossos objetos de amor (marido, mulher...) sempre são um constructo ideal, produto de uma elaboração. Mudamos durante a vida, e aquilo que ia bem antes pode não ser mais suficiente. Novas experiências fazem nascer novas necessidades. Num mundo em mudança também mudam as pessoas que amamos, ficam diferentes, querem outras coisas. Por isso as relações de casal se deterioram. Por isso, as pessoas rompem com velhos amigos, se divorciam, brigam com os filhos e não sabem mais o que está certo ou errado. Esta situação de desordem é a *entropia* na qual, tanto os mecanismos depressivos quanto os persecutórios fracassam e não conseguem mais idealizar os objetos de amor. O problema é insolúvel com os mecanismos tradicionais, com sobrecarga. A solução é sempre uma redefinição de si mesmo e do mundo. Pode ser uma conversão religiosa. Improvisamente se dá conta que todas as coisas que o faziam sofrer não valem nada. Que seguia caminhos equivocados. Na nova seita, na nova Igreja tudo fica claro e simples. Pode também ser uma conversão política. No momento no qual o velho mundo desordenado e ambivalente perde valor e aparece a nova solução estamos no *estado nascente*. Uma destas formas é o namoro.

Como saber se aquilo que sentimos é um verdadeiro namoro ou uma paixão momentânea? Como saber se nosso desejo vem do medo de perder? Que relação tem o erotismo do namoro em relação a outras formas de erotismo? O namoro constitui a solução para uma situação bloqueada, a *sobrecarga depressiva*. Sobrecarga depressiva significa que os mecanismos depressivos não funcionam mais, estão sobrecarregados. O namoro nasce de um grande impulso vital que não consegue realizar-se em determinada situação e rejeita a depressão. Nós mudamos e a realidade não mudou, neste caso. Nossas potencialidades vitais tendem a revelar-se até encontrar nova solução global. O namoro é uma destas soluções. Por isso é mais fácil enamorar-se quando temos sucesso, porque diante de nós se abrem novos caminhos. Enamorar-se é um processo inconsciente. A inveja não é causa de enamoramento, mas um sintoma. Outro sintoma é o aparecimento ardoroso do desejo de algo que não sabemos bem o que é, ou a esperança de encontrar alguém que sempre tínhamos esperado e não sabemos quem seja. Às vezes basta uma música para comover-nos. O choro, no homem, é quase sempre um sintoma seguro de um amor que nasce. Quando o namoro aparece o relacionamento com a pessoa torna-se exclusivo, total. A pessoa que amamos não é somente bela e desejável, mas é a porta, a única porta para entrar neste mundo novo, para aceder a esta vida mais intensa. O estado nascente nunca é um 'chegar', mas um entrever. Como Moisés: foi concedido ver a terra prometida, mas não alcançá-la. A pessoa amada nos é muito próxima, mas também infinitamente distante. De todas as

peças tem a mais cara. Mas sua presença nos pode descontrolar, não só a mente, mas outros aspectos. A emoção do namoro atinge o corpo, o estômago, os músculos, a pele, todo o organismo. Esta pessoa tem uma potência extraordinária que nos maravilha. A força do estado nascente é uma potência redentora que transfigura tudo. A partir da pessoa amada amamos também os defeitos, as falas, os órgãos internos, os rins, o fígado... A pessoa verdadeiramente enamorada gostaria de acariciá-los e beijá-los como faz com os lábios, os seios e outras partes.

O namoro consente aceder ao máximo de erotismo, mas ao mesmo tempo faz entrever a superação. O corpo, a beleza, o prazer sexual, os beijos, o contato da pele, o abraço, tudo que no erotismo é realização, prazer... no namoro são um meio para alguma outra coisa, para ir além na direção da essência da pessoa amada, para um valor indizível. Constituem um percurso, um meio. Os namorados têm clara impressão que ter relações sexuais é algo sagrado, um gesto religioso como a união do céu e da terra. A idéia do matrimônio como sacramento não é outra coisa do que a transcrição ideológica, institucional desta experiência profunda, primordial, dos amantes enamorados. No estado nascente do amor, o indivíduo se sente fundido no cosmo, com a natureza. Os namorados constroem para eles uma geografia sacral do mundo, um calendário litúrgico de dias e lugares de revelação. Isso impõe a eles recordar os momentos onde puderam ver além e ver a última essência, precária, mas também estupefaciente da vida.

Existe ainda uma forma de amor que, pouco a pouco, passa do erotismo à amizade: quando as pessoas se encontram primeiro através da estima e da confiança mútua. Depois aparece o desejo erótico, como acontece quase sempre num encontro entre homem e mulher. O erotismo, no início, é apenas um acréscimo ou um desejo de conhecer melhor o outro. Na verdade, só a intimidade erótica revela aspectos desconhecidos e profundos da pessoa. A confiança da amizade permite um abandono sereno. Não há necessidade de seduzir nem de aparentar. Os homens e as mulheres vivem separados. Hoje, com a emancipação da mulher, aparecem outros aspectos. O erotismo que aparece na amizade é bilateral: cada qual se esforça espontaneamente de dar ao outro o que considera que lhe possa dar prazer, respeitando sua liberdade.

O erotismo, na amizade, se desenvolve no tempo e é, ao mesmo tempo, revelação e inteligência; é atenção, preparação, aprendizagem. Os valores da amizade purificam de tudo o que é exclusivo, egoísta e mesquinho. Na relação amorosa que nasce da amizade existe já uma *afinidade eletiva* e já existe um respeito pela liberdade do outro, aquele reconhecimento do limite que, no amor explosivo, se deve encontrar com dor e tormento. O amor que nasce assim é a edificação, lenta ou rápida, sempre difícil, muitas vezes precária, daquilo que é melhor. Não é necessário querer a perfeição. Basta reconhecer o melhor do pior, o que agrada, saber avaliar e dizer: quero isto, quero assim e não de outra forma. A amizade erótica é difícil. Tem uma estrutura granular. Não tem necessidade que o amigo esteja próximo, em contato com a pele. Inserir o erotismo na amizade é mais fácil para o homem, porque o erotismo masculino é descontínuo, e não quer ouvir falar do depois.

A *amizade amorosa* é possível mesmo quando um dos dois está enamorado e o outro não. O primeiro, então, ama apaixonadamente, tem um erotismo sacral. O outro se sente, sobretudo, amado, adorado. Num sistema voluntarístico no qual ambos devem dizer a 'verdade', esta situação não poderia durar. Mas, o terreno da amizade permite

seu desenvolvimento. Ser amigo significa admitir a diversidade, tolerar uma 'oposição' entre os desejos; significa não colocar alternativas, dilemas. Este tipo de amor assimétrico produz, em geral, um fortíssimo erotismo recíproco, sob a condição que a pessoa enamorada não coloque alternativas totais, mas se contente com o amor que é dado e tome o erotismo como prova suficiente de amor. A amizade erótica é, portanto, governada pelo registro da amizade, descontínua, extraordinária, livre. Ao filigrana dos encontros da amizade se acrescenta a filigrana dos períodos esplendorosos, das revelações eróticas, e isto tende a criar uma relação duradoura. Numa relação assim, o enamoramento de um se comunica quase seguramente ao outro. O estado nascente não surge do erotismo nem da amizade. Mas, com o passar do tempo cada um fica meio 'forçado' a renovar-se interiormente e reestruturar seu campo vital, produzindo, assim, um estado nascente. Neste caso ninguém seduziu ninguém, mas é uma relação de amizade amorosa, na qual o erotismo é procurado como uma perfeição, e constitui o terreno propício para o *reconhecimento*.

CONTRADIÇÕES

A todos é ensinado: *seduza, seja desejável eroticamente, seduza mais que todos*. Ao mesmo tempo é ensinado: *seja fiel, deseje somente aquele homem, só aquela mulher*. Também o marido, o amante quer que a sua mulher seja sedutora, bela, desejada por todos. Cada mulher quer que seu marido, o seu amante seja o mais belo, o mais desejável. O desejo dos outros alimenta nosso erotismo. Para ser desejável é preciso desejar. A mulher não pode ficar sedutora se não quer seduzir, se não comunica seu desejo ao homem, mesmo como jogo. O homem, convidado a ser sedutor, olhará e desejará outras mulheres. Mesmo que seja apenas na fantasia, por prazer, deve trair. Um homem que não olha para outras mulheres nem se dá conta delas não pode ser sedutor. As outras mulheres percebem sua falta de disponibilidade erótica.

Se uma mulher quer o monopólio absoluto de um homem que gosta muito de outras mulheres, quer uma contradição. Pode ter um homem que gosta de outra mulher, mas o olha, ou um homem obrigado a pensar obsessivamente só nela e pouco interessante para elas. E a mulher fica indecisa entre estes dois pólos. Impulsionará o homem a ser desejável e, portanto, desejar outras mulheres, mas aprenderá que não deve fazê-lo, ou olhar e mentir. Há duas soluções: a repressão ou a mentira.

Por outro lado, a mulher também deve ser, ao mesmo tempo, desejável e fiel. Para tal deve evocar fantasias masculinas, deve dar a impressão de poder ser uma presa. Ela também está diante de duas alternativas: ou trai seu homem ou termina por enrijecer-se. A contradição intrínseca do erotismo deixa abertas apenas dois caminhos: o da repressão (remoção) e o da dissimulação. De fato, no mundo há duas culturas eroticamente diferentes: uma construída no registro da verdade e da remoção; a outra do imaginário e da dissimulação.

No erotismo há conflito entre espontaneidade e artifício, entre amor e sedução. Tanto as mulheres quanto os homens aprendem logo, às vezes desde a infância, que o amor puro, desinteressado, sincero, não basta para suscitar o interesse do amado. O namoro torna tímido, respeitoso. Adoramos a pessoa amada, nem temos a coragem de magoá-la. No profundo da alma feminina tem o temor que o amor verdadeiro, sincero, simples não vale a pena porque o homem é sensível somente ao artifício, à manipulação

feminina. Cada vez, ao longo da vida, a mulher se encontrará diante de um dilema: qual é o caminho a seguir? A ingênua, dos sentimentos sinceros, ou a outra da manipulação? Este dilema é tema constante dos romances sentimentais: a heroína está enamorada, quer o bem, é sincera. A rival não. A rival quer seu homem por orgulho, capricho, casar e usa todas as artes da sedução. Disto o homem não se dá conta. Toma os artifícios como sendo sincero. Das duas figuras arquetípicas, - a bela adormecida e a maga, - a mulher enamorada se identifica com a primeira. Queria esperar, com os olhos fechados, imóvel, o beijo do amado e partir com ele.

No homem não existe o dilema da sedução que caracteriza a mulher. Nele tem uma tensão entre amor e sexualidade, entre fidelidade e promiscuidade, entre responsabilidade e jogo. O homem tem uma profunda necessidade de amor, tem necessidade de segurança emotiva. Sem esta, sente angústia e o seu desejo erótico desaparece.

Se a mulher, no matrimônio ou na convivência amorosa, se sente amada de formaterna, gentil, cercada de atenções, está eroticamente satisfeita. Seu erotismo cresce. Mas estes mesmos estímulos não excitam o homem. Pelo contrário, um mundo feito de ternura, cuidado, amorosa exclusividade pode se tornar para ele uma verdadeira prisão que mata tudo o que é erotismo, até a náusea, até a impotência. Se a causa mais frequente da frigidez feminina é a insensibilidade e a brutalidade masculina, uma causa freqüente da impotência masculina é a amorosa possessividade da mulher. O drama específico do homem se manifesta em forma de *sentimento de culpa*. Quando uma mulher decide ter uma relação erótica com outro homem, em geral não sente culpa. Porque se o faz quer dizer que se sente atraída emocionalmente, que sente ou começa a sentir um pouco de amor.

Na mulher o amor se autolegitima. A moral lhe diz: se ama alguém, vá com ele. No homem o erotismo pertence ao domínio do prazer. A moral lhe diz: sê fiel aos pactos, toma conta daqueles que dependem de ti, não faça sofrer aqueles que te amam e tu amas. A mulher pensa que, se ama alguém, deve amar somente a ele e não há outros compromissos éticos para respeitar. Indo com quem ama, a mulher respeitou todos os seus empenhos morais. O homem, por milhares de anos, aprendeu que o seu primeiro dever é para com a comunidade, a família, a mulher, os filhos e que o erotismo é algo a mais. Algo que pode conseguir com as concubinas ou as escravas, inclusive com a guerra e o saque. Mas tudo isso não deve interferir com seus primeiros deveres que não são eróticos.

CONVERGÊNCIAS

Há pessoas dotadas de uma grande carga erótica, nas quais o erotismo é um elemento essencial da vida, sem o qual se apagam como se faltasse o ar ou a comida. Outras parecem quase completamente privadas de erotismo, o que não significa que não tenham interesse, mas como se não tivessem este tipo particular de sensibilidade vital. Na maioria dos casos, o erotismo não é constante, mas tem grandes variações. As pessoas enamoradas – homem e mulher, não importa – quando estão longe sentem diminuir em si a energia vital. É como se seu organismo, suas células tivessem necessidade de contato físico do outro. Aparecem sintomas de depressão. Perdem o apetite, perdem o sono. Despertam de manhã e, como primeira coisa, sentem a dolorosa falta do corpo amado a seu lado. E não podem pegar novamente no sono sem imaginar vê-lo,

abraçá-lo, segurar-lhe a mão. Quando, finalmente, o encontram novamente, quando se abraçam, é como se seu organismo se recarregasse de energia vital. Como se do outro viesse um fluido vivificante que recupera as forças.

O erotismo é uma forma de interesse pelas outras pessoas. É generosidade intelectual e emocional, capacidade de dar-se, de dedicar-se, de abandonar-se. O grande erotismo é o oposto da avareza, da mesquinhez, da falsa prudência. Claro, pode haver generosidade sem erotismo. Por exemplo: mulheres com forte componente materna, capazes de uma dedicação à outra pessoa, esquecendo a si mesmas. Esta dedicação pode ter algo ou nada de erótico. Toma conta de tudo o que a pessoa amada precisa: comida, vestuário; vigia-o de noite, cuida-o, guia-o.

Mais distante do erotismo aparece aquele amor pelos outros, todos os outros que o cristianismo chama “caridade”. Na caridade o amor não se restringe ao filho, ao amado, mas ultrapassa-os. Aqueles que são capazes deste altruísmo não sentem mais as próprias dores, as próprias preocupações, ou as consideram pouco importantes. Participam das dores dos outros, sofrem com eles e se dedicam totalmente para tirar as dores dos demais.

Uma observação: Os homens são fascinados pela beleza feminina. Mas a vêem com o *olho erótico* e não com o olho estético. Não conseguem analisá-la. Ou têm uma visão do conjunto ou são atraídos por um detalhe do corpo. O olhar erótico é fetichista. Por isso, quando um homem viu uma mulher nua parece ter visto tudo e nada mais a descobrir. A mulher, ao contrário, olha a outra mulher somente com o olho estético. Se dá conta que tem ossos finos, costas largas, vida sutil, quadris redondos, pernas perfeitas, pele lisa... ou o contrário. O homem, quando se excita, não vê os defeitos.

O erotismo é uma forma de conhecimento, um conhecimento do corpo: do nosso e o dos outros. Nosso corpo fica objeto erótico quando queremos prazer aos outros. É o seu desejo que ativa nosso conhecimento. As religiões ascéticas combatem o erotismo escondendo o corpo, impedem que as pessoas cuidem dele, o descuidem, não o asseiem. Sempre tem algo de mau gosto, de mau odor nas pessoas, ambientes locais de membros das religiões ascéticas, em sua vestimenta, seus refeitórios, seus conventos. Há um conhecer através do corpo. Todos nós, quando entramos em contato com outra pessoa, somos profundamente influenciados por suas expressões corporais. A primeira coisa que percebemos é a linguagem não verbal de seu corpo. As mulheres captam isso melhor do que os homens. O primeiro aspecto que uma mulher explora e percebe no corpo do homem é o odor. Ele é determinante. Muitas vezes, a partir do odor, decide se vai continuar a vê-lo ou vai evitá-lo. Evitá-lo porque desagradável, e produz náusea. O odor se percebe à distância, basta sentar ao lado no ônibus, no carro, no restaurante, no elevador. Mais determinante é o hálito. Se o odor é modificável com perfumes, o hálito não.

O odor do corpo e do hálito são uma *conditio sine qua non* para prosseguir no relacionamento. Se o odor é bom, pode continuar. A relação entre corpo e odores é um saber que os produtores de perfume conhecem bem. A arte de criar os perfumes é uma arte erótica.

Explorado o odor, a mulher passa aos sabores. Este ato cognitivo tem necessidade de um início erótico, o beijo. No homem, é com o beijo que começa a exploração, porque antes não captava o odor da mulher, mas seu perfume artificial. A mulher usa mais o corpo do que a razão para explorar o homem. Confia mais em suas sensações do que em seu pensar ou naquilo que o homem lhe diz. Para a mulher é sempre mais impor-

tante o que o homem faz para ela, os gestos, o abraço. O homem não tem o mesmo conhecimento de seu corpo e do corpo feminino. O grande sedutor sabe intuir isso da forma pela qual a mulher o olha, se senta.

O desenvolvimento de uma relação amorosa para o homem coincide com a progressiva, maravilhosa descoberta da beleza daquela mulher específica, de sua mulher. A beleza nunca aparece toda no início, mas vai se descortinando progressivamente, ultrapassando os umbrais do corpo para chegar ao interior e total da pessoa.

Qual seria uma conclusão final? O erotismo feminino tende a uma estrutura contínua, cíclica, eternamente recorrente, como a música oriental que não tem um início e um fim. O erotismo masculino tende ao descontínuo, à revelação do diferente, do totalmente novo. O homem, em cada mulher, é atraído pela diversidade, e pode suscitar interesse e desejo. Estes erotismos diferentes podem se encontrar. E o verdadeiro grande erotismo aparece somente quando se verifica este milagre, ou seja, quando cada um faz exatamente o que agrada a ele e faz o que agrada ao outro; é aquele que é realizado por uma mulher e um homem na relação erótico-amorosa individual; quando um só homem e uma só mulher levam ao extremo o que é específico do próprio sexo e do que é do outro. Tem-se, então, a sucessão contínua das revelações, a interminável aparição do novo, aquele *mais*. Aquele *mais* é a revelação do novo no contínuo, naquilo que já existe. O novo se torna um enriquecimento. Somente o que existe, o que tem duração e continuidade pode aumentar, tornar-se maior. Mas somente o que é descontínuo pode ser confrontado, comparado e lembrado. É a união do contínuo e do descontínuo que cria a identidade e, portanto, a possibilidade de crescimento, a tensão para o alto, para a perfeição.